



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO – UFES  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS - CCHN  
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA- PROLIND**

**TANGA, COLAR, LANÇA, COCAR E SAMBURÁ:  
Práticas Pedagógicas a partir dos Artesanatos Tupinikim nos  
cotidianos escolares do Centro Municipal de Educação Infantil  
Indígena Caeira Velha.**

**MONIANI PEREIRA MARQUES BENEDITO**

**ARACRUZ - ES  
2022**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO – UFES  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS - CCHN  
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA- PROLIND**

**TANGA, COLAR, LANÇA, COCAR E SAMBURÁ:  
Práticas Pedagógicas a partir dos Artesanatos Tupinikim nos  
cotidianos escolares do Centro Municipal de Educação Infantil  
Indígena Caeira Velha.**

**MONIANI PEREIRA MARQUES BENEDITO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao PROLIND  
como requisito para obtenção do título de Graduado em  
Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do  
Espírito Santo. Orientadora: Dra. Andreia Teixeira Ramos

**ARACRUZ - ES**

**2022**

**MONIANI PEREIRA MARQUES BENEDITO**

**TANGA, COLAR, LANÇA, COCAR E SAMBURÁ:  
Práticas Pedagógicas a partir dos Artesanatos Tupinikim nos  
cotidianos escolares do Centro Municipal de Educação Infantil  
Indígena Caeira Velha.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao PROLIND como requisito para obtenção do título de Graduado em Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Espírito Santo. Orientadora: Dra. Andreia Teixeira Ramos

Aprovado em 27 de agosto de 2022.

**COMISSÃO AVALIADORA:**

---

**Profa. Dra. Andreia Teixeira Ramos**  
Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo  
Orientadora

---

**Prof. Dr. Soler Gonzalez**  
Universidade Federal do Espírito Santo

---

**Profa. Marli da Penha Vieira Gomes dos Santos**  
Secretaria de Educação de Aracruz

*Filhos desse território  
Éramos milhões há 521 anos atrás nesse território  
Falávamos milhares de línguas dos nossos ancestrais  
Ao longo desse tempo tiraram a nossa paz  
A nossa cultura para os invasores tanto faz  
Querem nos apagar da história  
Sangram o nosso território com a ganância do poder  
Não estão preocupados com a nossa memória  
Os nossos segredos a sociedade nunca vai compreender  
É necessário guardar no seio do nosso povo para não se perder  
Como explicar que a nossa maior riqueza vem da natureza  
Que é o canto dos pássaros  
A beleza e o perfume da flor  
Os rios que matam a nossa sede por amor  
O sol que aquece nosso corpo  
A lua e as estrelas que iluminam a noite e nos traz frescor  
Quantas lutas ainda temos que enfrentar?  
Como queríamos que nosso território não precisasse demarcar  
E todos se lembrassem que somos donos desse lugar  
Hoje tentam nos calar  
Mas esquecem que Tupã está conosco em nosso caminhar  
Sentimos falta da fala dos anciões nesse momento de pandemia  
Mas há esperança na vacina que está em dia  
Nesse instante é preciso preservar a sua sabedoria  
Como sentimos falta da dança dos curumins  
E a criança aprendendo os seus primeiros passos só querem se divertir  
Os guerreiros todos pintados de urucum e jenipapo para lutar  
Entrando ao som do tambor e da casaca  
Usando tanga, colar e cocar  
E arremessando as suas lanças em busca de suas conquistas  
Numa luta incessante também pelas suas reconquistas  
Logo após as guerreiras rompendo qualquer barreira  
Sem medo de mostrar seus cantos e suas danças de guerreiras  
Lindas e deslumbrantes*

*Exuberante de tamanha beleza  
Os arqueiros sempre na linha de frente e protegendo a nossa aldeia  
Que saudade do grito da comunidade de resistência e existência  
Somos povos indígenas capazes morrer pelo nosso território  
Por que é o nosso fôlego de vida  
Sem a nossa mãe terra não há o por que existir  
Sabemos que um dia voltaremos para Ti  
No presente ainda tentam arrancar os nossos direitos  
Que foi conquistado a muitas vidas de várias lideranças  
E o sangue derramado por invasores que sequer foram julgados ou condenados  
Hoje ainda sofremos em lutos pela perda dos nossos parentes  
Mas nunca vamos perder as nossas esperanças  
Estamos com saudades de fazer os nossos rituais espirituais  
Sentimos os nossos cantos sufocados nesse momento de isolamento social  
Às vezes as novas tecnologias se incorporam ao nosso dia a dia  
Para matar as saudades nesse momento de pandemia  
Mais um ano o barulho do tambor  
E o repique da casaca ficam em silêncio  
Mas o coração bate no peito  
E o sangue pulsa nas veias dos indígenas a todo momento  
Seja na aldeia ou na cidade  
A sua essência dos nossos antepassados sempre está presente  
Que felicidade e orgulho próprio.  
Por que somos filhos desse território.*

Autor: Gefferson Pereira Marques

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus por ter me sustentado até aqui, pelo fôlego de vida e por me manter firme, mesmo quando pensava em desistir. Aos meus pais, Lena e Bére (in memoriam) pelo apoio e pelos esforços que fizeram ao longo da minha vida escolar. Muito obrigado pelas vezes, que colocou os meus estudos como prioridades na vida de vocês e deixando seus próprios interesse de lado, espero um dia recompensá-los de alguma forma. Amo muito vocês.

Ao meu amado esposo, por me incentivar e acreditar na minha capacidade na realização deste trabalho, por todo cuidado e amor com nossa família.

Aos meus filhos: Francisco, Franciny e Gelson pela compreensão nas vezes em que não pude estar presente por causa do trabalho, mas foi por uma boa causa e teremos muitas oportunidades para estarmos juntos, vocês são o amor da minha vida, meu bem maior tudo que faço e para o bem da nossa família.

Aos meus irmãos: Mônica e Gefferson, pelo companheirismo de sempre, amo vocês. Aos meus sobrinhos e sobrinhas, cunhadas e cunhados vocês completam a nossa família com muito amor e carinho. A minha sogra Mariazinha, por cuidar dos meus filhos sempre que necessário para que eu pudesse estudar.

A nossa coordenadora pedagógica Leidi, pelo cuidado e apoio e nunca desistir de nós estudantes Prolindianos.

A professora orientadora Andréia, sou muito grata a Deus por ter me escolhido, sim eu que fui escolhida pela senhora, pois nada teria acontecido se não fosse pelo seu empenho e dedicação para comigo. Suas mensagens diárias, sem pensar se era final de semana ou não, seus horários noturnos sempre se dedicando e não media esforços para me ajudar, suas palavras de incentivos foram essenciais para conclusão desse trabalho, saiba que depois desse trabalho o meu amor pelas cartas aumentaram bastante. Aprendi muito com a senhora. Seu lugar no meu coração está reservado. Gratidão, sempre.

Ao Centro Municipal de Educação Infantil Indígena Caeira Velha, por me proporcionar a realização do trabalho de pesquisa, é claro as minhas amigas de lá que foram essenciais na conclusão dessa pesquisa principalmente Dina e Cristina que não mediram esforços e me ajudaram muito. Gratidão, amigas!

Ao grupo Pereira (Gefferson, Evelany e Rosa) um grupo de trabalho que se formou no PROLIND, por membros da mesma família, para fazerem os trabalhos do curso. Saiba que vocês contribuíram bastante com a conclusão da minha pesquisa. A turma de estudantes e o grupo de professores e professoras também contribuíram muito nesse longo percurso de Licenciatura Intercultural Indígena.

A meu tio Amarildo, por estar presente nesse processo e por não medir esforços em me ajudar a concluir a pesquisa, sua participação foi extraordinária e me proporcionou muito aprendizado com suas narrativas. Que o senhor nunca perca essa essência pelo artesanato Tupinikim e que os jovens possam aprender contigo o amor pelo artesanato, para que assim a cultura do nosso povo se perpetue.

Ao artesão, Vilmar pela participação e contribuição na pesquisa, suas práticas artesanais foram fundamentais nessa conclusão.

E por fim a todos que de forma direta ou indiretamente, contribuíram na realização da minha pesquisa enriquecendo a minha aprendizagem.

Gratidão a todos e todas!

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso se debruça nas práticas pedagógicas a partir dos Artesanatos Tupinikim nos cotidianos escolares do Centro Municipal de Educação Infantil Indígena Caeira Velha. Desse modo, o objetivo geral foi expor como os artesanatos Tupinikim contribuem com os processos de ensino-aprendizagem nos cotidianos escolares do Centro Municipal de Educação Infantil Indígena Caeira Velha. Foram objetivos específicos conhecer a cultura do povo Tupinikim a partir dos artesanatos e identificar os usos dos artesanatos Tupinikim como material didático-pedagógico nos processos de ensino-aprendizagem envolvendo as crianças da educação escolar indígena. Além disso, como produto educacional com a pesquisa, produzimos um episódio de Podcast apresentando uma roda de conversa que fizemos com duas professoras indígenas da educação infantil e um artesão indígena. O trabalho se ampara na metodologia da pesquisa narrativa com aproximações com uma liberdade e licença poética, estética, política e ética com o trajeto da pesquisa. Foram colaboradoras da pesquisa: educadoras do Centro Municipal de Educação Infantil Indígena Caieiras Velha, localizada na Aldeia de Caieiras Velha, município de Aracruz-ES, e artesão da comunidade.

**Palavras-chave:** Práticas pedagógicas. Artesanatos Tupinikim. Educação Infantil Indígena. Narrativa. Cotidianos escolares. Pandemia.

## SUMÁRIO

<b>PRIMEIRAS PALAVRAS</b> .....	<b>9</b>
CARTA PARA O MEU PAI BÉRE .....	9
CARTA PARA A MINHA MÃE LENA .....	23
<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>25</b>
<b>2. PRIMEIROS CAMINHOS INVESTIGATIVOS</b> .....	<b>38</b>
2.1. INICIANDO A PRODUÇÃO DE DADOS.....	40
<b>3. CARTA PEDAGÓGICA DA PROFESSORA CRISTINA</b> .....	<b>47</b>
3.1. RODA DE CONVERSA .....	49
3.2. DESENHO .....	49
3.3. BRINCADEIRA.....	52
3.4. MAQUETE .....	54
3.5. PRODUÇÃO DE COLAR.....	55
3.6. REFERÊNCIA.....	57
<b>4. RODA DE CONVERSAS COM PROFESSORAS INDÍGENAS E ARTESÃO</b> ...	<b>58</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>67</b>
<b>6. REFERÊNCIAS</b> .....	<b>70</b>

## PRIMEIRAS PALAVRAS

### CARTA PARA O MEU PAI BÉRE

Olá pai, bença, tudo bem? Como o senhor está? Quanta saudade! Hoje está um dia chuvoso e frio, adivinha onde estou? E como estou? É claro deitada e debaixo da coberta (risos). Resolvi escrever essa carta para te contar as novidades que aconteceram desde da sua partida. Olha, cá para nós, não são poucas. Risos. Bom, pai, antes de te contar os babados, gostaria de primeiro te agradecer por tantas coisas boas que fez por mim. Me lembro de quando comecei a estudar muito pequena, o senhor e a mamãe foram os meus maiores incentivadores desde de sempre. Adorava ir para creche, mesmo indo atrasada, porque eu não gostava de acordar cedo e quando me chamava eu dizia: que só ia para brincar, era para deixar eu dormir um pouquinho mais. Aprendi tanta coisa brincando.

Que período bom que passei lá com as tias Penha Pequena e Penha Grande, eram maravilhosas, um amor de pessoa cuidava da turma como se fossem nossa mãe. Tia Grande uma calma só, já tia Pequena era mais ‘agitadinha’, mesmo assim o seu amor sempre foi grande por todos nós. Elas falavam que nós Tupinikim somos a segunda família delas. Todas as manhãs quando passava pela casa de vovó Zulmira, lá estava Tio Duga que gritava: Já vai, Patitola? E eu respondia que sim. E ele tornava a dizer isso mesmo Patitola, estuda para crescer e ser uma professora. Ele gostava de me chamar assim, pois era o jeito que eu falava ‘ir para escola’. Quando íamos juntos o senhor sorria muito do jeito que ele falava comigo, parava na casa da vovó também, só para tomar o café.

Quando passei a estudar na Escola Pluridocente Caeira Velha, onde fiquei da 1º a 4º série do ensino fundamental com uma única professora que chamávamos de Tia Marilene. Ela era uma perfeita professora e fazia tudo por nós com muito carinho.

A formatura da 4ºsérie foi linda, nos preparamos com muito amor, ensaiamos músicas lindas para cantar. Tia Marilene saiu de licença maternidade e a nossa turma ficou com a professora Carmem, não tínhamos muita afinidade com ela, mesmo assim a nossa querida Tia Marilene foi na formatura com a Jessica era uma bebe tão linda, é claro que não poderia ficar de fora uma pessoa tão especial para turma, muito mais que professora se tornou mãe de cada criança. Foi fantástico cantar para o senhor e mamãe, vê-los na plateia me encheu de orgulho. Hoje em dia me recordo dessas histórias com muito amor e carinho, momentos marcantes do prazer em ter

conhecido pessoas tão especiais na minha infância que fizeram muito por mim. E hoje em dia ao se tornar uma professora, carrego comigo cada experiência vivenciada com as tias preferidas e adoráveis que tive. Meu tio até hoje me chama de Patitola e me diz que sabia que eu ia ser professora.

A partir da 5ª série, comecei a estudar no Primo Bitti, lá fiz vários amigos é claro que no início foi muito difícil. Lá fiquei estudando até o 3º ano do ensino médio, quantas lembranças boas, quantas amizades que carrego comigo até hoje, como por exemplo, Tathy até me convidou para ser madrinha de casamento e a nossa família toda para participar da festa linda dela. Lembra? Para ir para escola tinha que ir de ônibus, Milton o nosso motorista era muito pontual e quase sempre nas segundas-feiras eu perdia o horário e senhor, dava um jeito, né pai? Você se lembra? Quando Ervaldo não podia me levar de carro, a gente ia na sua bicicleta, nossa como doía minha perna ter que ir sentada no quadro da bicicleta de Caieira a Coqueiral. Mesmo assim estava feliz e satisfeita, sabia que o seu esforço era para o meu bem. Há maior parte da minha vida escolar estudei pela manhã, e nos dias de chuva e frio, nossa que vontade de ficar um pouquinho mais deitada, Mamãe falava para deixar eu ficar em casa e senhor dizia negativo na sala de aula não chove e se chover ela leva uma sombrinha ou uma sacola de plástico para tampar a cabeça.

E quando eu perguntava se iria ganhar algum presente por ter passado de ano, porque todos os meus amigos ganhavam presentes, por isso eu perguntava e era sempre a mesma resposta: faz mais que sua obrigação e se reprovar uma surra, para quê perguntar? Se já sabe a resposta. E mãe falava, vai para escola estudar e nada de arrumar namorado. Naquele momento não entendia o significado, mas hoje entendo que tudo era para me tornar uma pessoa de bem e temos que estudar para ter uma boa profissão, um futuro melhor com boas condições, não uma recompensa fácil na vida precisamos estar preparados para lutar pelos nossos objetivos. Entendo que as nossas condições financeiras não eram favoráveis naquela época.

Quando concluí o ensino médio, fui premiada por vocês com um lindo celular amei, foi uma maravilha, eu merecia né? Sempre fui boa estudante. Não tivemos uma festa de formatura, mas foi um churrasco maravilhoso, senti muito a sua falta e a de mãe, pena que não foram, adoraria ver vocês lá junto de mim, mas vocês tiveram outros motivos, infelizmente. Mônica fez muita falta também, mas Yasmin era muito pequena e não tinha como ir. Ainda bem que eu não estava sozinha sem a presença da minha família, pois meu irmão estava comigo e a sua namorada como

sou sortuda por ter um irmão perfeito, porque ele sempre dá um jeitinho de estar juntinho de mim. Meu namorado também estava, nessa época já namorava com Derson. Lembra de quando ele foi conversar com o senhor e com a mamãe? Mas, antes disso eu falei que queria namorar com ele, nossa que coragem. Conversamos bastante nesse dia.

Hoje entendo, porque fez tudo isso por mim desde quando iniciei na escola, era o seu jeito de me incentivar a estudar, pois só queria o meu bem, para que eu tivesse uma profissão. E que profissão? Com suas qualidades e defeitos como em outras, mas o meu amor pela educação escolar indígena é muito grande, hoje posso dizer com toda certeza sou feliz no que faço. Meu sonho era ser veterinária, mas ser professora me achou primeiro, que bom, sou grata por isso. Quando minha tia Ninha me convidou para dar aula na educação infantil, eu fiquei muito feliz. Seria uma experiência nova, tive a oportunidade de participar como professora no projeto Brasil alfabetizado, um projeto de alfabetização de jovens e adultos, mas professora dos pequenos foi um sonho. Na hora aceitei, e precisei urgente entrar na faculdade de pedagogia, pois para ser educador da educação indígena era necessário estar formado ou cursando, pedagogia ou licenciatura indígena.

Comecei a cursar pedagogia, à noite. Logo em seguida, engravidei e casei, com um bebê pequeno, eu não conseguia conciliar os estudos com filho bebe e ainda com vários problemas respiratórios que ele tinha. Foi bem frustrante, pois precisei parar com o curso. Mas, não desistir, passei por outras duas faculdades tentando concluir o curso de pedagogia e mais uma vez engravidei e dessa vez, passei por vários problemas de saúde com muitas idas e vindas do hospital, novamente abandonei a faculdade. Estava com duas crianças com diferença de dois anos de idade e Francisco, tadinho quase sempre doente. Que tempo difícil.

Por fim, entrei na Universidade Paulista (UNIP) no ano final de 2010, Francisco com 3 anos de idade e Franciny com 1 aninho. A faculdade era de ensino a distância e o polo era em Coqueiral, bem mais perto de casa. As tutoras eram excelentes, ótimas pessoas a Silvana, Berenice e Rose estavam sempre dispostas a ajudar. Nos dias de provas, quando estava quase acabando, os gritos das crianças me chamando para ir para casa eram frequentes, se ouviam de longe, as tutoras amavam estar com eles e as balinhas estavam sempre à espera dos meus filhos. Estava tudo indo muito bem, mas infelizmente por um descuido eu perdi o prazo de matrícula e como a faculdade era de ensino a distância, não foi possível resolver e eu precisei esperar para entrar no próximo período, conclusão eu perdi o período, como chorei fiquei tão triste chateada.

Meu esposo foi essencial nessa fase, chegou um momento em que ele disse: Chega Nany, você não vai mais parar dessa vez, você vai terminar a faculdade, passa o que passar a nossa prioridade é o seu curso, eu quero te ver formada, seus pais também, faz isso por eles, pelos nosso filhos e por nós. Nossa! sem palavras, fiquei muito emocionada. E foi o que aconteceu, passamos por tantas coisas e os problemas financeiros bateram na nossa porta, foi difícil, mas o dinheiro da faculdade era sagrado. Naquela época, se ingressar em uma universidade federal era muito difícil, ainda mais com duas crianças pequenas,

E se passaram alguns anos e com apoio de todos vocês estava quase no fim do curso, infelizmente descobrimos que estava doente. Foi uma notícia terrível que abalou a todos nós. Já estava no último ano do curso de pedagogia, quando começou o seu tratamento com sessões de quimioterapia, era uma loucura com relatório de estágio, entrega do trabalho de conclusão de curso. E tinha as aulas da pós aos sábados, resolvi fazer duas pós-graduação no final do curso, que correria. Mesmo assim, eu quis sempre estar presente com o senhor pai, quando mãe deixava a gente te acompanhar porque era muito difícil ela ficar em casa. Me sentia tão cansada em passar o dia todo no hospital e sem comer, porque eu não gostava de comer lá, mas muito feliz de passar o dia do seu lado ouvindo suas histórias, você dizendo vai para escola hoje Nany, eu dizia claro tá acabando e a formatura tá chegando, o senhor sempre sorrindo isso mesmo, mas toma banho antes, nada de ir sem tomar banho.

A palavra dor e sofrimento elas não existiam no seu dicionário, pois o seu sorriso era constante, e isso era o gás que eu precisava para continuar e ir à noite à faculdade fazer provas, trabalhos, nossa! que correria. É pai e o tempo foi passando tão depressa que o senhor foi se cansando. A nossa conexão era tão grande, que na sua última noite com a gente, antes de dormir, eu ia na sua janela e Derson comigo, eu só queria escutar, ver se estava tudo bem. Meu marido sempre do meu lado falando: calma Nany, vamos dormir seu pai está bem, dentro de mim algo me dizia que não. Ao amanhecer mãe me disse que não passaram a noite bem, pai se estava tão mal porque não nos falou? Permaneceu calado, quieto sem dizer nada e quando perguntávamos, era sempre a mesma resposta, está tudo bem.

E no dia da sua partida Deus me avisou na noite anterior, com um sentimento tão diferente inexplicável, que até hoje, não consigo descrever, foi tão intenso que cheguei a ponto de pedir à Tia Preta (Marciana) para levar as crianças para roça, lembra? Até cheguei a comentar com ela que

eu estava com um sentimento diferente, eu já previa que algo iria acontecer, mas não queria acreditar. Em seguida, eu e mãe vimos que estava passando muito mal, só que o senhor era forte e nunca demonstrava dor, né? Tentou até tomar banho sozinho seu danado, mas mãe me gritou e vi que não queria que ela me chamasse, porque saberia que íamos te levar ao hospital, é foi o que fizemos. Liguei para Valdir e Gefferson avisando e eles vieram. Valdir chegou primeiro e quando estávamos saindo só deu tempo de Gefferson pedir a sua bênção e ser abençoado por ti e Mônica não teve essa oportunidade, pois estava em casa com a barriga enorme esperando Yan, como estávamos ansiosos para a chegada do mais novo membro da família.

Sabe pai, fico me perguntando como posso ser tão agraciada por Deus por ter o melhor pai do mundo e o mais forte? Porque eu vi nos seus olhos quando estávamos no carro junto com Valdir, ele dirigindo, eu no banco da frente e mãe atrás segurando sua mão, e eu olhava para trás te perguntava se estava doendo e seus olhos diziam que sim, sua boca dizia que não. Valdir acelerava o carro cada vez mais, até chegarmos no São Camilo foi uma correria danada, mesmo assim os seus olhos lutavam com tanta bravura. Só me lembro do nosso último adeus, eu na porta da sala da emergência, quando o senhor virou me olhou e levantou as pontas dos seus dedos com um sinal de tchau e que nesse olhar me dissesse, estou indo filha, um olhar com tantos significados, com tanto amor e por fim estou cansado e preciso descansar. E infelizmente aconteceu pai, o descanso eterno.

Eu não queria acreditar, mesmo vendo aquele alvoroço todo da família na casa do vovô Jovino. A ficha só caiu quando mãe, tia Ceia e Derson chegaram e eu olhei nos olhos dele e ele só chorava inconsolavelmente. Pronto meu mundo caiu. No dia 1º de janeiro de 2015, o senhor escolheu logo o dia Mundial da paz para partir, também se não for para causar, não é você. Como choramos, sofremos. (Franciny), Ciny do jeito que costumava chamar, chorou tanto desesperadamente que dormiu no colo do pai e ele teve que sair com ela nos braços para levar na casa da avó, Mariazinha. Ele não sabia como consolar eu e os filhos e a ele mesmo. (Francisco) Chico não quis chegar perto ele dizia: mãe não quero ver vovô ali, Yan não teve a oportunidade de te conhecer, ainda estava na barriga, pena que alguns dias separaram vocês de um encontro maravilhoso.

Mônica teve que ser levada para o hospital para dar a notícia mais triste da vida dela, mas ainda bem que seu marido Valdir foi forte, pois ainda teve que consolar Yasmin, seu xodó desde de bebe lembra? Mãe, ficou firme em meio ao desespero se manteve de pé, pois ela sempre soube que vocês juntos seriam a nossa base e que se um faltasse, o outro precisaria segurar as pontas. Pensa em uma

mulher, super é ela e sempre será. Acredito que todos os troféus desse mundo são dela, esteve sempre ao seu lado. Pai, se o senhor estivesse aqui seria isso que falaria com ela: Muito obrigado meu amor, não é verdade? Pai, o senhor acredita que Gefferson aquele menino, se tornou um super-homem, nesse dia ele foi incrível. Em meio a tanta dor ele foi guerreiro e precisava se manter forte, ainda bem que tinha o apoio da esposa Katiane, mesmo cuidando de Aruanã que era bem pequeno estava do lado dele a todo momento. Luizinha chorou um monte também e a Evelyn que ficou inconsolável no colo da mãe o tempo todo.

Sabia pai, que o senhor é um homem muito querido por todos da aldeia? A igreja ficou superlotada, com vários amigos de fora e de dentro da comunidade tudo para te dar o último adeus. Os Marques ficaram inconsoláveis, vovô sem palavras e eu não tenho muito mais o que te dizer desse dia, pois sinceramente não quero falar mais porque as lágrimas correm nos meus olhos incontrolavelmente. E te conhecendo do jeito que te conheço não é assim que quer me ver, chorando e sim sorrindo do mesmo jeito que o senhor era, sempre sorridente. O tempo foi passando, não foi possível controlar a dor, o sofrimento, de acordar e não te ter aqui. Mas, precisamos viver.

Yan nasceu vinte e dois dias após você ter nos deixado, pensa no bebe lindo, era ele. Ele chegou num momento muito bom, pois com ele veio o renascimento da nossa família, a força que precisávamos. Chegou o grande dia da minha tão sonhada formatura, mas infelizmente foi cinco meses após sua partida, bem que o senhor poderia ter esperado um pouquinho né? No início eu não queria participar com sua ausência, não seria fácil. Mãe, Derson, Mônica e Gefferson, insistiram para ir e me disseram que o senhor não ia gostar de saber que eu perderia esse momento de comemorar a nossa conquista. Então decidi ir, porque os Marques, também me falaram que gostariam de ir. A princípio tinha falado com as tutoras que não participaria da formatura, logo depois resolvi ir e com toda a nossa família. Conversei com seus irmãos e adivinha? Ficaram entusiasmados e me disseram que iriam sim, e cada um pagou seu convite para participar da festa. Imagina só foi um monte de gente, a única pessoa que levou mais convidados foi eu, as meninas da Unip, brincava comigo falando que ia levar a aldeia toda. Foi muito gratificante ver a presença de tia Preta, Ervaldo, Tael, Manu, tia Filhinha, tio Biga, tia Céia, Tião, Ninha, Lua, Nega, Dara, Careca, Bela, tio Fizinho e Albertina isso é só dos Marques, da parte de Derson também foram Marquinho, Nayara e Izaldino. É claro que mãe, Gefferson, Katiane, Luiza, Evelyn, Mônica, Yan, Valdir, Yasmin, Derson, Xico, Ciny estavam presentes, só Aru que não foi Katiane deixou ele com dona Emília, acho que era para não ficar correndo atrás dele, porque Aru não parava quieto.

Pai viu só como nossa família é unida, fiquei feliz em levar uma Van cheia de pessoas, fora os carros pequenos e de saber que sou muito amada por todos. Foi uma noite cheia de emoções, é claro que as lágrimas foram incontrolláveis, elas escorriam pelos meus olhos o tempo todo. Cecilia minha amiga do curso estava ao meu lado segurando minha mão, quando estávamos sentadas juntas na hora da cerimônia de colação de grau, Xico cheio de amor uma criança doce corria perto de mim com um copo de água e papel secando os meus olhos e me dizia: calma mãe, vovô está feliz em te ver aqui, não fica triste.

Mas, o que eu queria mesmo era olhar nos seus olhos e ver que estava orgulhoso de mim, sentir o seu abraço do mesmo jeito em que vi nos olhos de mãe e Derson que me diziam no olhar, todo esforço valeu a pena. Foi uma mistura de sentimentos, alegria de uma conquista e tristeza por não compartilhar com o senhor esse momento, e a nossa família com seu jeitinho doce se fez presente contribuindo com amor, para me ver feliz. Quando os diplomas da pós-graduação chegaram, foi a mesma coisa alegria por mais uma conquista e como eu queria que soubesse disso, porque quando comecei na correria da pós estávamos juntos.

Neste dia, pensando em uma forma de te fazer presente, Gefferson escreveu uma carta em seu nome, uma maneira do senhor se explicar para mim porque não pode ir. Eu imagino que o senhor falou bem no ouvido dele, porque é impossível ele descrever tão bem suas palavras. Naquele momento, fechei os meus olhos ao ouvir Jane lendo sua carta, parecia que a gente estava conversando. Sempre soube que Gefferson é o poeta da família, escreve muito bem, acho que te puxou.

Para finalizar a noite foi servido um belo jantar com direito a churrasco, penso que todos gostaram da comida, estava muito boa e tudo servido pelo restaurante Sítio Santa Joana, fizemos tudo lá para aproveitar o espaço do salão e o restaurante decidimos fazer uma cerimônia bem pequena. Foi muito especial para cada formando da noite. Sou muito grata por ter escolhido a melhor família para me dar, apesar de todos os defeitos que toda família tem, sou feliz por fazer parte dos Marques. É uma família que se for para fazer vamos nos unir mesmo em meio aos desafios. Ninha é uma animação em pessoa, quando Lorena convidou a família para o seu casamento lá em Boituva, São Paulo. A mais animada da família, imediatamente organizou uma excursão. Lá fomos nós para São Paulo, no melhor ônibus e fretado pela família dos Marques, foram dois casais dos Queiroz, parte da tia Romilda com a gente, mas grande parte do ônibus foi completado por nós.

Foi um final de semana maravilhoso. Aquela viagem do dia 19 de junho de 2019 ficou marcada na história da família Marques. Saímos daqui de Caeira, na quarta à noite e chegamos aqui na segunda à noite, fomos bem preparados para o inverno de São Paulo, mãe exagerada que só ela comprou roupa de frio para todos nós. O frio não foi tão forte, ainda bem. Lorena e Ricardo, pensaram em tudo nos mínimos detalhes, aproveitaram o feriado de Corpus Christi com feriado de São João Batista, o padroeiro de Aracruz, para facilitar a viagem da família. Lorena estava linda, a cerimônia na igreja foi muito bonita. A festa foi em outro lugar e tinha horário para o término, só que os Marques não sabiam disso, com eles a festa tem que durar até o amanhecer. E foi o que aconteceu, continuaram, até de manhã, só que na chácara onde estávamos hospedados com direito a banho de piscina em pleno inverno. Mamãe, tia Filhinha, Lua, Tael, Ninha fizeram tanto barulho que acordaram os caseiros.

No caminho paramos na igreja Aparecida do Norte, o lugar é lindo, só que a nossa passagem foi muito rápida e não deu para conhecer bem o local. Xico ficou doido para ir ao estádio do Corinthians.

Há estava me esquecendo de falar Itauana é sua neta, uma menina doce e brava ao mesmo tempo. Ela chegou um ano depois de Yan e no mesmo dia 22 de janeiro. A Ita, teve alergia alimentar, foi muito difícil, mas Graças a Deus hoje está curada, fez vários tratamentos e restrições alimentares, não só ela mais todos nós, para ajudá-la a superar esse problema. Ela é a caçulinha de Gefferson.

Logo depois do casamento de Lorena, adivinha o que aconteceu comigo? Engravidei, falaram que o meu bebe era paulista, carioca menos capixaba foi divertido. Foi a alegria da família.

Dara e Suri organizaram o mais lindo chá de revelação. No painel tinha o nome do bebê Gelson Luis ou Anahí, para a nossa surpresa e alegria era um menino e o nome foi mudado naquela noite mesmo para Gelson Netto. Desde do começo mãe falou que era um menino e que seria Gelson Netto, na hora Derson concordou. No dia 23 de março de 2020 chegou o nosso Gelson, que bebê lindo e cheio de saúde, pena que não pode colocar o Neto no nome, porque no cartório não aceitaram Neto como nome composto, mas o importante que o meu bebê está aqui muito lindo e esperto já está com um aninho de idade. Para uns ele é Berezinho, para outros Gelsinho, mamãe chama ele de Netinho.

A família Marques cresceu muito, Bruno é avô de dois meninos lindos, Benício e José Miguel, ou seja vovô Jovino é tataravô. Erick também deu uma linda neta para tia Filhinha Maria Klara.

Valentina é a filha da Rafa e estão morando em Coqueiral bem pertinho. Lorena também veio para perto, está morando em Mar Azul e por enquanto só tem Lavínia. Dara tem outra Maria, dessa vez Maria Julia que é linda. E Gabi têm Mayá uma gracinha. Priscila tem uma menina linda, a Maria Flor. Acho que não esqueci de ninguém, viu como a família aumentou?

Infelizmente estamos vivendo em meio a pandemia do coronavírus, triste situação onde precisamos viver em isolamento social e físico, distante das pessoas, tudo parou a igreja, escola, comércio e outros locais. Vivemos assustados com um vírus que circula e mata, já matou muitas pessoas. Depois da criação da vacina, aos poucos as coisas vão voltando ao normal, mas muitas pessoas têm medo de se vacinar, porque o próprio presidente que não é o Lula, é o Bolsonaro não incentiva as pessoas a se protegerem com os devidos cuidados e a tomarem as vacinas, triste realidade.

Aqui na aldeia muitas coisas mudaram. Ervaldo foi vereador, pena que por pouco tempo assumiu a suplência de Erick Musso. Depois de várias tentativas, finalmente no ano de 2021 conseguimos eleger um vereador indígena e o mais votado do município de Aracruz, dessa vez foi Vilson Jaguarete. Manel Zinguim foi cacique, depois dele Fabiano e atualmente Zé Sezenando novamente. Pai, me desculpe por não ter conseguido continuar na igreja católica. Infelizmente, foi impossível continuar, eu não tive forças para isso, eu e o senhor éramos o braço direito um do outro. Mas, o meu carinho e amor continua por todos de lá. Tenho um enorme respeito pela igreja católica, pois lá passamos muitos momentos felizes das nossas vidas.

Lembra que me falava que o dia que eu quisesse acompanhar o meu marido eu iria, sem que me obrigassem. E foi o que aconteceu. Eu estava me afundando na depressão, não tinha forças para nada. Derson me pediu para lutar pela vida, pelas crianças e que o senhor não gostaria de saber que estava triste, sofrendo. Mãe me dizia para dar um jeito na vida, ir em uma igreja. Então decidi acompanhar o Derson na igreja Assembleia, onde ele já estava, nós precisávamos estar juntos na igreja na criação das crianças. Sempre gostei de ir na igreja junto com o senhor. E com mãe, por isso quis repetir com as crianças o que aprendi com os ensinamentos de vocês. Estou feliz, com o meu marido e meus filhos, seguindo uma única religião que possamos estar sempre juntos.

Eu mudei de casa, estou morando na rua de dona Flor de Barba de Aço, do lado da casa de Jibóia. Isso também me ajudou na recuperação. Mônica está no mesmo lugar, deu uma reformada boa na casa. Gefferson está na casa que era minha, está bem bonita. Mãe, parece que está enraizada na mesma casa, gostaria que fizesse uma casa do lado da minha, mas ela não quis, disse que iria

reformatar a casa do jeito que vocês planejaram e foi que ela fez com o apoio de Gefferson reformaram e deixaram a casa chique. Pai na medida do possível estamos todos bem. Os Marques foram tudo lá para baixo, perto de tia Preta e Ninha, carregaram vovó e vovô, tio Marcinho também. Dara tem uma casa do lado de vovô, ela não desgruda deles. Lá se tornou a vila dos Marques, está tio Fizinho, Bruno, Erick, Priscila, só tem Marques lá. Cada um tem uma casa linda, outras estão em construção. Pai, Dara seguiu o caminho do magistério, mas a nossa família não tem só professores e professoras mais não, agora tem Lua formada em serviço social, Rafa é advogada, Carol é médica, Gabi é bióloga, mas continua estudando e está fazendo doutorado. Manu está estudando enfermagem e Tael está tentando entrar para medicina, viu como as profissões estão mudando? Mãe está bem, estamos cuidando bem dela, às vezes bem teimosas, isso não é novidade.

Seus netos estão cada dia maiores e mais lindos. Evelyn é uma moça linda, com a pandemia quase não a vemos, mas o amor continua sempre. Yasmin também é linda e às vezes sem paciência com Yan, só porque ele adora fazer artes, acho que te puxou no tamanho. Se o senhor estivesse aqui, Luiza comeria peixe. Aru é inteligente, aprendeu a ler rapidinho e está jogando futebol. Ita tem o temperamento de mamãe e adora conversar. Xico está enorme, um lindo rapazinho maior que Gefferson, continua jogando futebol e às mania cada vez mais parecidas com ele parece até filho. Ciny está uma princesinha também parece com o seu tamanho, outra conversadeira como foi difícil no início para ela comer lembra que era o senhor que dava todos os dias na boca? Mônica e Valdir estão bem, Katiane e Geferson também. Eu estou bem, às vezes bate o desespero quando não te vejo aqui, mas Derson está sempre comigo, me conhece tão bem que só de olhar já sabe e sempre dá um jeito de me distrair e cuida de nós com muito amor e carinho.

No ano de 2015, entrei para o curso de Licenciatura Intercultural Indígena, o Prolind, um curso muito desejado pelas nossas aldeias. Uma luta que durou vários anos envolvendo caciques e lideranças. A turma é composta por estudantes indígenas, das aldeias de Pau Brasil, Irajá, Comboios, Três Palmeiras e Caeira Velha. O curso é ofertado pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), quem diria hein pai? Que eu iria entrar na Ufes, parece que na sala de aula só tem parentes só a título de informação eu, Gefferson, Dara, Ninha, Careca, Rosa, Vê, Josinha, Léo e fora tia Filhinha porque ela desistiu do curso no início.

Depois de seis anos, acho que estamos chegando ao fim, finalmente, mas falta o estágio e o trabalho de conclusão de curso (TCC). Estou escrevendo meu TCC e a minha orientadora a professora Andréia, uma ótima pessoa, sugeriu que eu escrevesse uma carta para uma pessoa especial, para

compor o trabalho, é claro que logo pensei no senhor, porque são tantas coisas que não vivenciei com conosco e isto seria uma forma de te contar, mesmo sabendo que está descansando. A formatura está se aproximando e mais uma vez, sei que não vai estar presente, chega dá um nó na garganta as lágrimas chegam aos olhos, mas as suas lembranças estão sempre comigo, seus ensinamentos também por onde eu passar. Sei que estará feliz em saber que estamos bem, a minha esperança e na eternidade te ver.

Outro dia volto a escrever contando sobre formatura. Quando comecei a escrever, voltava e parava por várias vezes para pensar, refletir e controlar as emoções que por sinal não são poucas. Refletir muito sobre tudo o que vivemos juntos e sem cobranças no que ainda poderíamos viver, apenas agradecer a Deus por me permitir ter um super pai, que apesar dos defeitos de todo ser humano o seu amor por nós foi incondicional nunca nos deixou faltar nada, sempre esteve do nosso lado nos melhores e piores momentos. Seus ensinamentos serão eternos carregados com cada um dos seus filhos e serão repassados para seus netos, bisnetos e assim por diante. Geralmente quando estava escrevendo seu netinho caçulinha estava comigo dormindo ou tentando mexer no computador, ele adora cutucar as coisas.

Pai sentimos muito a sua falta. Te amarei eternamente e obrigado por tudo.

De sua filha Moniani.

Figura 1: Formatura 4º série



Foto: Gelson Marques

Fonte: Arquivo pessoal

Figura 2: Aniversário de Francisco e Franciny



Foto: Luanna Marques.

Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 3: Almoço da Família Marques.



Foto: Raquel Marques.

Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 4: Formatura de Pedagogia.



Foto: Dandara Marques.

Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 5: Formatura de Pedagogia.



Foto: Dandara Marques.

Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 6: Passeio com a família.



Foto: Yasmin Marques.

Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 7: Formatura de Gefferson.



Foto: Anônimo.

Fonte: Arquivo pessoal.

## CARTA PARA A MINHA MÃE LENA

Oi mãe, bença, tudo bem com a senhora? Eu estava conversando com a professora Andreia e disse para ela que como esse trabalho de conclusão de curso, o famoso TCC, está uma loucura, uma correria danada e que quase não tive tempo para conversar com a senhora sobre como estou vivendo no meio disso tudo. Ela me sugeriu que eu escrevesse outra carta, na hora pensei na senhora. Estou aproveitando que Gelsinho está dormindo, deitei pertinho dele e bem enrolada porque ultimamente está muito frio. Peguei o meu computador para escrever e te contar como está sendo feito o meu trabalho.

Mãe, primeiro quero te agradecer por tudo que fez por mim. Sou grata a Deus por ser sua filha, saiba que te amo muito, tenho muito orgulho da senhora. A senhora, sabia que eu não acreditava na minha capacidade para escrever e Derson estava sempre me motivando dizendo que eu sou muito inteligente e que eu iria dar conta. É claro que para dar conta do trabalho todo, foi um longo processo e tive muito apoio.

Geralmente, aproveitei os dias em que Deron saia para trabalhar e a senhora sabe que ele sai bem cedinho, umas 5h20 da manhã. Parecia que as ideias iam surgindo, então não perdia tempo pegava o computador mesmo com vários problemas, ora ligava, ora desligava sozinho, ô raiva, mas me ajudou muito ou usava no celular mesmo. Outro momento bem proveitoso era de tarde quando Gelsinho estava dormindo, do jeito que ele está arreiro, fica difícil escrever alguma coisa com ele do meu lado. Às vezes nem com Xico e Ciny ele não quer ficar, fica querendo mexer no computador para escrever.

A professora Andréia, foi fundamental para o desenvolvimento do TCC, uma ótima orientadora deu o maior apoio, suas dicas foram excelentes, as gravações dos encontro foram marcantes para a escrita, pois foi um banco de dados é difícil gravar na mente o que se fala. Nos nossos encontros houve muita risada. Uma vida real de uma mãe, mesmo com apoio da família, tinha aquele momentinho com o neném chorando, conversas dos filhos maiores, cachorro latindo e outros. E houve gritaria de Francisco, com câimbra, Luiza estava saindo para ir pra casa e veio me chamar que ele estava com dor, deixei a professora esperando. Dei um jeito rapidinho e voltei para o encontro.

Mãe, como diz Aru: “Todo esforço vale a pena”. Estou muito feliz de estar concluindo um curso em uma Universidade Federal é gratificante saber que estou perto de conquistar meu tão sonhado diploma, tanto esforço e com quase 6 anos acho que agora está bem próximo de finalizar. Saiba que a senhora faz parte de toda essa conquista. Quando chegar o grande dia quero te ver lá, junto com Derson e as crianças. Há Mônica também, Gefferson com certeza vai estar lá, afinal a formatura é dele também.

Sou grata por ter uma família linda e unida que Deus abençoe a todos nós para que possamos estar sempre juntos.

Mãe, te amo muito e obrigado por tudo!

De sua filha Moniani.

Figura 8: Passeio com a família.



Foto: Franciny Benedito.

Fonte: Arquivo pessoal.

## 1. INTRODUÇÃO

Iniciamos a exposição deste trabalho de conclusão de curso trazendo um pouco do histórico da Aldeia de Caeiras Velha, onde os nossos antepassados sobreviveram com auxílio do manguezal, onde encontraram mariscos para se alimentarem ou trocar com outros tipos de alimentos. O cacique Vilson Benedito, narra em uma entrevista feita na sala de aula com a turma do 2º ano do ensino fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental Indígena Caeira Velha, no ano de 2007, que ouviu muitas histórias narradas pelos seus familiares, sobre a origem do nome Caeira Velha. De acordo com ele, os nossos antepassados iam no manguezal pegar ostra para se alimentar constantemente e geralmente as cascas eram jogadas no quintal, onde se formavam montanhas com cascas. Caieira é um processo de trituração das cascas de ostras com madeiras, que após ser queimada se torna pó chamado de cal.

O processo da Caeira surgiu com a venda do cal, que é um material utilizado na construção civil e os moradores da aldeia, vendiam para comunidades vizinhas e nas casas da própria aldeia. Ao passar dos anos, foram inventados outros processos para a fabricação do cal e com isso foram abandonadas as Caeiras e se tornaram velhas, por isso a origem do nome Caeiras Velha.

Ainda sobre a histórias da Aldeia Caieras Velha é importante destacar o documento do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, Secretaria do Patrimônio da União, Superintendência do Patrimônio da União do Estado, do Espírito Santo que certificou atendendo ao pedido da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), às fls 203 do processo nº 10783004902/85-17, que consta no Sistema de Gerenciamento dos Imóveis de Uso Especial da União o registro RIP nº5611000145000-0 do imóvel denominado Terra Indígena Tupiniquim, ocupado pela aldeia de Caieiras Velha, no município de Aracruz estado do Espírito Santo, que teve sua demarcação administrativa homologada pelo Decreto s/n. 05/11/2010.

Figura 9: Aldeia de Caeira Velha.



Foto: Odair Queizza.

Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 10: Centro Municipal de Educação Infantil Indígena Caeira Velha.



Foto: Cristina Oliveira. Fonte: Arquivo pessoal.

Continuando a traçar as histórias chegamos no Centro Municipal de Educação Infantil Indígena de Caieiras Velhas que foi inaugurado em março de 2000 pelo prefeito Luiz Carlos Cacá Gonçalves. O CMEI surgiu, de acordo com as narrativas da diretora Alzenira Marques, foi após a necessidade das famílias saírem da aldeia para trabalharem e não terem com quem deixar seus filhos pequenos.

Assim, este trabalho de conclusão de curso está organizado da seguinte forma: início com duas cartas pedagógicas, depois exponho a introdução e a metodologia, primeiros caminhos investigativos e as referências.

A educação é um processo de ensino-aprendizagem de conhecimentos, valores, línguas, costumes, crenças, mitos, ideologia que entre os povos indígenas são passados das gerações adultas sobre as gerações mais novas, ou seja, aprende a sua cultura desde cedo com as anciãs e os anciões no intuito de preservá-la as futuras gerações, no qual passaram por perdas irreparáveis ao longo do tempo, desde genocídio até etnocídio. Os indígenas adquirem conhecimento dos antepassados, para que de fato possam construir sua própria identidade ou auto reafirmação da mesma.

O dilema político que ficou para as nossas comunidades que sobreviveram ao século XX e ainda hoje precisa disputar os últimos redutos onde a natureza é próspera, onde podemos suprir as nossas necessidades alimentares e de moradia, e onde sobrevivem os modos que cada uma dessas pequenas sociedades tem se manter no tempo dando conta de si mesmas sem criar uma dependência excessiva do Estado". (KRENAK, 2019, p. 21).

Os artesanatos Tupinikim são fundamentais no fortalecimento identitário e são de diferentes formas e formatos, como por exemplo: tanga, colar, cocar, samburá, remo, canoa, tambor, casaca, dentre outros. São um dos elementos muito importante para o nosso povo, presente nos cotidianos da Aldeia de Caieiras Velhas, sendo utilizado na pesca, caça, no vestuário de grupos de danças, nos grupos de tambores e outros.

Diante disso, podemos citar as práticas pedagógicas diferenciadas com artesanatos realizadas pelas professoras e pelos professores indígenas Tupinikim do Centro

Municipal de Educação Infantil Indígena de Caieiras Velhas (CMEII), juntamente com seus estudantes, pesquisando com as anciãs e os anciões da aldeia, caciques, lideranças, com a própria comunidade, podem ser consideradas um meio de desenvolver a sua identidade cultural, revitalizar e preservar ainda o que restou da cultura ao longo do processo de colonização.

Se os brancos tivessem educação, eles podiam ter continuado vivendo aqui no meio daquele povo e produzido outro tipo de experiências, mas chegaram aqui com a má intenção de assaltar essa terra e escravizar o povo que vivia aqui, e foi o que deu errado. (Guerras do Brasil. documentário episódio 1, 2019, AILTON KRENAK).<sup>1</sup>

Assim, é fundamental passar a geração atual experiência dos artesãos da aldeia, que tiveram uma educação para tal atividade, com a finalidade que essa cultura de confecção de artesanato continue se perpetuando até o fim dos tempos, passando de geração a geração.

Nesse contexto, a Prefeitura realizou o Projeto Comunidade de Leitores para as escolas da rede, onde era envolvido escola/família, com objetivo de aproximar a família da escola por meio da leitura familiar com “uma maleta viajante”. Essa maleta, passeava pela família com história que retornaria no dia seguinte à sala de aula, para ser compartilhada com os colegas da classe.

Levando consideração a importância do projeto, o Centro Municipal de Educação Infantil Indígena Caieiras Velhas, adaptou para “Samburá Literário”, nos planejamentos de professoras e professores foi discutido esse projeto de acordo com a realidade do Povo Tupinikim de Caieiras Velha. Pensando no melhor envolvimento da comunidade foi pensado no uso do artesanato Tupinikim, um material que poderia ser locomovido pelas crianças com facilidade incluindo recursos didáticos que auxiliassem nas atividades de leitura com a família, por isso o samburá foi a melhor opção por ser um tipo de cesto muito usado nas pescarias e seria possível torná-lo um material didático para as crianças.

---

<sup>1</sup> Recomendo texto do Ailton Krenak para falar do processo de colonização dos povos originários...ver episódio 1 da série Guerras do Brasil Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VeMISgnVDZ4>>. Acesso em: 1 de julho de 2021.

O projeto do Samburá Literário, foi um dos momentos marcantes para a instituição, pois contemplou toda comunidade indígena da aldeia de Caieiras Velha, passando pelo posto de saúde, Funai, cacique, liderança, Escola Municipal de Ensino Fundamental Indígena Caieiras Velha, familiares e funcionários do CMEI Indígena Caieiras Velha. Diante de tamanha proporção o CMEI Indígena foi premiado pela Prefeitura Municipal de Aracruz com o troféu Autoestima e Educação no ano de 2019.

O colar também é um artesanato Tupinikim que usamos nas nossas práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula com as educandas e os educandos, ele proporciona atividades de noções básicas de matemática, produção de textos coletivos, estudos de palavras, palestra com ancião da aldeia com narrativas de experiências sobre a produção de artesanato dentre outras.

Vale ressaltar que, essa é uma das práticas pedagógicas desenvolvidas pelo corpo docente da instituição e o que outros artesanatos são utilizados também como metodologias de ensino-aprendizagem, ornamentação e identificação da sala de aula.

Justifica-se a escolha desse tema: práticas pedagógicas diferenciadas com artesanatos Tupinikim, realizadas pelas professoras e pelos professores indígenas Tupinikim do Centro Municipal de Educação Infantil Indígena de Caieiras Velhas, localizado no município de Aracruz-ES, com objetivo de revitalizar e fortalecer a cultura do povo Tupinikim com uma educação escolar indígena específica e diferenciada que atenda às necessidades do seu povo, na busca da valorização e preservação da nossa cultura, essa que passou por tantos danos e afetou profundamente o modo de vida dos indígenas, refletindo até os dias atuais nas nossas aldeias.

Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos, por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo das classes populares. (FREIRE, 1996, p.15)

O artesanato faz parte da cultura e da identidade do nosso povo Tupinikim é uma forma das crianças da educação infantil se aproximarem da memória dos antepassados fazendo uma ponte entre o passado e o futuro carregando consigo as tradições e cultura do nosso povo, momento propício nos processos de ensino-aprendizagem para trabalhar o artesanato como um objeto de estudo.

Desse modo, a partir do campo problemático da pesquisa e de todo o caminho percorrido até o momento chegamos a seguinte questão que é a **pergunta de pesquisa**: De que modo os artesanatos Tupinikim contribuem com os processos de ensino-aprendizagem nos cotidianos escolares do Centro Municipal de Educação Infantil Indígena Caeira Velha? Nesse cenário o **objetivo geral** é expor como os artesanatos Tupinikim contribuem com os processos de ensino-aprendizagem nos cotidianos escolares do Centro Municipal de Educação Infantil Indígena Caeira Velha. São **objetivos específicos**: conhecer a cultura do povo Tupinikim a partir dos artesanatos e identificar os usos dos artesanatos Tupinikim como material didático-pedagógico nos processos de ensino-aprendizagem envolvendo as crianças da educação escolar indígena. Além disso, como produto educacional com a pesquisa produzimos um episódio de Podcast<sup>2</sup> apresentando uma roda de conversa que fizemos com duas professoras indígenas da educação infantil e um artesão indígena.

Esse trabalho de conclusão de curso de ampara na metodologia da pesquisa narrativa (RAMOS, 2018, 2021; GONZALEZ e RAMOS 2021) com aproximações com uma liberdade e licença poética, estética, política e ética com o trajeto da pesquisa. Conta com os seguintes sujeitos da história (FREIRE, 2009) que também foram colaboradoras da pesquisa: educadoras do Centro Municipal de Educação Infantil Indígena Caieiras Velha, localizada na Aldeia de Caieiras Velha, município de Aracruz-ES, e artesão da comunidade.

Para atingir os objetivos propostos optamos pela metodologia da pesquisa narrativa, pois faz parte da história da humanidade, sendo que

---

<sup>2</sup> Podcast “é um programa de rádio que pode ser ouvido pela internet a qualquer hora, por meio do celular ou do computador. Com temas e duração variadas, o ouvinte pode acessar conteúdos em áudio para se informar, para estudar ou para passar o tempo”. Disponível em: <https://www.brasildefatomg.com.br/2021/02/10/oque-e-um-podcast-para-que-serve-conheca-algumas-sugestoes-de-programas>. Acesso em: 6 ago. 2021.

Nesse enredo, retrata a importância da rememoração como forma de reconstrução de histórias de vida, tanto numa perspectiva individual quanto social, é fundamental. Nesse sentido, há o reconhecimento de todos de que a tradição oral se fortalece quando vinculada à escrita, pois faz com que as palavras sejam viabilizadas através da ação (CABRAL e SOUZA, 2015, p. 150).

Como procedimentos metodológicos usamos diário de campo, imagens, fotografias, conversas, entrevista narrativa e conversada e cartas pedagógicas. As professoras foram convidadas a narrar por meio de cartas pedagógicas algumas das suas práticas educativas realizadas em sala de aula nos processos de ensino-aprendizagem utilizando o artesanato Tupinikim, com o objetivo de preservação da cultura, valores, crenças, costumes e auto reafirmação da identidade cultural.

Ressalto que por causa da pandemia usamos diário de campo digital com o uso dos aplicativos de celular como o WhatsApp para o envio e recebimentos de áudios, imagens e narrativas referente a pesquisa. Além de transcrição dos áudios com autorização dos participantes da pesquisa. Usamos também o Google Meet para encontros e reuniões de orientação do trabalho de conclusão de curso e Drive do Google para armazenamento dos materiais referente a pesquisa.

Nessa direção, durante parte do desenvolvimento desta pesquisa o mundo passou e ainda passa por uma pandemia do Coronavírus que atingiu todos os seres humanos do mundo inteiro. Infelizmente, fomos separados com o isolamento social e físico, foi preciso alterar as nossas atividades cotidianas, a escola parou, o abraço foi proibido dentre outros. A aproximação foi com o auxílio da tecnologia, do celular, as conversas foram com o whatsapp e o que favoreceu a conclusão do trabalho. Rodas de conversas com os anciãos e anciãs foram com o áudio e vídeos do Whatsapp uma ferramenta eletrônica que nesse momento de crise sanitária aproximou as pessoas mantendo os cuidados necessários para não se contaminarem com o novo Coronavírus.

Nesse cenário, as cartas são meios de comunicação que sempre existiu no meio da população e convivendo com uma nova realidade, foi fundamental para a conclusão dessa pesquisa, as professoras e professores do CMEI, nosso interesse foi que elas

enviassem cartas pedagógicas narrando suas experiências na sala de aula, utilizando o artesanato Tupinikim como ferramenta para auxiliar no processo de ensino-aprendizagem na educação infantil.

A carta é também um instrumento pedagógico de fácil uso. A linguagem da carta é determinada pela intenção comunicativa e pela relação existente entre os pares. Dependendo da intenção pode ser descritiva, persuasiva-argumentativa e narrativa. Nesse particular, a carta se inscreve, nesse trabalho, como narrativa e por contar alguma coisa relacionado à história de vida pessoal e profissional dos diferentes sujeitos (CABRAL e SOUZA, 2015, p. 155.)

Neste contexto, a pesquisa aconteceu na Aldeia Indígena de Caieiras Velhas no município de Aracruz, ES. Foram sujeitos da pesquisa e também da história as professoras das escolas indígenas da Aldeia de Caieiras Velhas.

Figura 11: Porta da sala de aula do CMEII.



Foto: Josiane Pereira. Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 12: Porta da sala de aula do CMEII.



Foto: Josiane Pereira. Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 13: Samburá, Artesanato Tupinikim.



Foto: Moniani Marques. Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 14: Professoras do CMEII.



Foto: Mariane Marques. Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 15: Visita do Samburá Literário na família do estudante.



Foto: Kátiane Marques. Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 16: Momento Cultural no CMEII, confecção de colar.



Foto: Cristina Pajehú. Fonte: Arquivo do CMEII.

## 2. PRIMEIROS CAMINHOS INVESTIGATIVOS

Na revisão de literatura, vou citar a monografia realizada na graduação de Pedagogia, pela faculdade Universidade Paulista (UNIP) em março do ano de 2015, intitulada “Educação Escolar Indígena no Município de Aracruz: uma visão histórica e atual da escola indígena na construção da auto reafirmação da identidade cultural”, que foi de minha autoria juntamente com a Cecilia dos Santos Rodrigues.

Essa pesquisa teve como objetivo apresentar uma educação indígena Tupinikim e Guarani de Aracruz, que buscava revitalizar a cultura, por meio da educação escolar, registrando a história do povo Indígena e pesquisando no passado as verdadeiras histórias narradas pelo próprios indígenas e não uma visão romantizada do indígena. Sendo assim, compreender a situação atual dos povos indígenas do município de Aracruz, pesquisando e registrando as verdadeiras histórias do nosso povo, contada por anciões indígenas que se preocupam em repassar às gerações mais novas a verdadeira essência do indígena, que atualmente vive numa sociedade globalizada, mas nem por isso, devem-se negar as suas raízes e a sua descendência.

A metodologia deste trabalho iniciou a partir da leitura referente ao tema pesquisado e o contato com a comunidade indígena Tupinikim, professores, professoras, cacique, lideranças que tinha o intuito de conhecer as práticas pedagógicas diferenciadas realizadas pelos professores e professoras indígenas na Escola Municipal de Ensino Fundamental Indígena Caeira Velha, localizada no município de Aracruz-ES, como um dos caminhos para conquistar objetivos, onde a valorização da comunidade é fundamental na construção de uma Educação Escolar Indígena que se renova a cada dia.

Continuando a pesquisa acadêmica em novembro de 2015, conclui duas Pós-Graduação ‘Lato Sensu’ na área de educação, promovido pela Escola de Ensino Superior Faculdade Brasileira (FABRA), a primeira foi de Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental com Ênfase em Alfabetização e a segunda foi de Artes, cujo os trabalhos de conclusão de curso foram de minha autoria.

O primeiro artigo teve como tema: “Práticas diferenciadas utilizadas pelo professor para alfabetizar nas séries iniciais”, essa pesquisa buscou compreender algumas práticas diferenciadas utilizadas pelos professores e professoras na alfabetização das séries iniciais, com intuito de alfabetizar e revitalizar a cultura, pois, ao analisar a história dos povos indígenas no município de Aracruz, percebe-se um passado marcado por inúmeras perdas refletindo até os dias atuais, nas aldeias e na vida dos indígenas. As práticas diferenciadas na sala de aula de alfabetização, juntamente com a comunidade podem auxiliar na preservação cultural do povo indígena. A pesquisa foi realizada na comunidade indígena de Caieiras Velha, com o povo Tupinikim para conhecer algumas práticas pedagógicas de alfabetização diferenciadas realizadas pelos professores e professoras indígenas na Escola Municipal de Ensino Fundamental Indígena Caieiras Velha, localizada no município de Aracruz-ES.

A segunda pesquisa foi intitulada de “A arte da confecção do artesanato Tupinikim na escola indígena”, teve como objetivo descobrir como a arte da confecção de artesanato na educação escolar era usada na revitalização e preservação da cultura, com auxílio dos professores e professoras indígenas da Escola Municipal de Ensino Fundamental Indígena Caieira Velha, localizada no município de Aracruz-ES. Para o povo Tupinikim é de suma importância o fortalecimento identitário a partir dos ensinamentos dos anciãos da aldeia.

No caminho investigativo encontrei o artigo realizado por Raquel Castilho de Souza, Adriana dos Reis Martins e Karylleila dos Santos Andrade (2019) resultado de uma pesquisa realizada na Escola Indígena Wakōmēkwa, de Riozinho Kakumhu localizada no estado de Tocantins, que teve como tema: Interculturalidade, identidade, memória: desafios, socioculturais, com o objetivo de revitalizar e fortalecer a cultura do povo Xerente, a partir do ensino das artes nas escolas indígenas, pois os professores e professoras acreditam que a educação escolar indígena seja o caminho adequado para essa conquista.

A pesquisa iniciou a partir das observações vivenciadas na escola do cotidiano de estudantes, professores e professoras, acompanhando de perto as necessidades e especificidades do povo, a partir daí, notou-se a importância de inserir a disciplina de artes na escola e formação continuada para professores e professoras.

## 2.1. INICIANDO A PRODUÇÃO DE DADOS

Dando continuidade ao campo investigativo, em uma entrevista narrativa feita com Amarildo Pinto Pereira, morador da aldeia de Caieiras Velha e artesão Tupinikim. Os primeiros artesanatos que fez foram a tanga e o bustiê. As tangas tem o formato de saias são feitas de tabúa e imbira, são utilizadas por todas as pessoas da comunidade desde do menor para o maior. Já o bustiê tem a forma de um sutiã, geralmente são as mulheres que usam, são fabricadas de tabúa, é uma matéria prima encontrada no manguezal e a imbira que se localiza na mata. Para retirada desse material tem todo um ritual em respeito à natureza, a lua, pois devem ser tirada de acordo com a lua para não estragar e ter uma maior durabilidade. A lança também é outro artesanato que ele confecciona, ela se assemelha com a letra I.

De acordo com Amarildo, a lança feita com a madeira jacarandá quando seca fica igual o coró de uma cobra jiboia toda malhada, com a macanaíba fica toda amarelada já com a cedro a lança fica com um aspecto avermelhada, sendo feita com essas madeiras as lanças ficam com um acabamento muito bonito, mas como hoje em dia está difícil o acesso a esse material na natureza devido grande desmatamento, ele confecciona o artesanato com qualquer tipo de madeira disponível, geralmente comprado em lojas de materiais de construção.

A decoração não é padrão, cada um faz o detalhe que desejar e o peso varia de acordo com a madeira utilizada, por exemplo, a lança mais resistente e pesada ele usa a madeira jacarandá e macanaíba, já a mais leve o ideal é o cedro. Sempre muito curioso e com vontade de aprender, Amarildo aprendeu a confeccionar seus artesanatos sozinho autodidata.

Em uma entrevista narrativa feita com Amarildo em sua casa, morador da aldeia de Caieira Velha, artesão nas horas vagas, sua função é pedreiro. Ele narra como aprendeu a fazer tanga, bustiê e lança. E quais são os materiais necessários para a confecção dos artesanatos e onde são encontrados. Ele narra com detalhes a fabricação de cada artesanato.

Outra entrevista narrativa feita foi com Vilmar Benedito, morador da aldeia de Caieiras Velha e artesão Tupinikim. De acordo com ele, para fazer a lança o ideal seria uma madeira bem resistente para não rachar como: braúna, ipê, macanaíba, roxinho e algumas palmeiras como iri e outras. Ele narrou que antigamente a matéria prima para confecção da lança era encontrada com maior acesso, mas infelizmente não é possível nos dias atuais, sendo cada vez mais escassa. As ferramentas utilizadas antigamente eram: facão, machadinha e vidro para fazer a raspagem. Atualmente está mais fácil a fabricação da lança com o auxílio de outras ferramentas como: lixa grossa, plaina, serra circular, e serra tico-tico.

Vilmar Benedito, artesão nas horas vagas e motorista do posto de saúde. Também foi entrevistado, mas pelo aplicativo de celular. Ele narra a fabricação e os materiais utilizados na confecção da lança, de acordo com ele nos dias de hoje têm maior acesso aos materiais como, por exemplo, serra elétrica, mas destaca também que com o desmatamento causado na mata as madeiras estão cada vez mais escassas.

A lança é um instrumento que sempre foi utilizado pelo povo Tupinikim em diferentes práticas culturais como por exemplo, nas danças do Guerreiros que representam lutas, onde duas pessoas lutam com a lança no centro da roda ao som do congo Tupinikim, é utilizado também nos ato políticos de resistências protestos, nas decorações e em outras. A tanga e o bustiê fazem parte do vestuário do nosso povo Tupinikim, geralmente utilizado nas danças e outros momentos culturais.

A professora Osvaldina, narra um áudio utilizando o whatsapp contando sua experiência com as crianças na sala de aula. Ela diz que com auxílio do colar Tupinikim como material didático no seu plano de aula, possibilitou a interdisciplinaridade que envolveu a disciplina de história, favorecendo melhor a compreensão da crianças do passado fazendo relação com o presente a partir da sua vivência e na matemática com apoio das sementes como material concreto, na representação de quantidade dentre outros.

## Saberes indígenas

Figura 17: Formação para professores e professoras Indígenas.

**AÇÕES SABERES INDÍGENAS NA ESCOLA -  
UFES/SEMED ARACRUZ**

**Etnomatemática Tupinikim e Guarani: "Uma experiência a partir do samburá Tupinikim e a cestaria Guarani"**



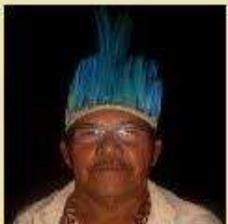
Prof.ª Dr. Ozirlei Teresa  
Marcelino



Liderança indígena  
Tupinikim  
Lauro Martins



Liderança indígena  
Guarani  
Joana Carvalho



Cacique Jonas do  
Rosário - Aldeia Areal



Adjaká Guarani



Samburá Tupinikim

Data: 26 de maio de 2021  
Horário: 14h  
Local: Google Meet

Obs.: O Encontro acontecerá pelo Google Meet. O link será encaminhado aos grupos.

Foto: Andreia Almeida. Fonte: Arquivo Setor de educação indígena da Prefeitura Municipal de Aracruz

Os saberes indígenas nas escolas é uma ação que promove formação continuada dos professores e professoras da educação indígena, principalmente os que atuam nos anos iniciais da educação básica, por intermédio das instituições de ensino superior (IES) com experiências na área de pesquisa e formação de professores e professoras. A formação acontece de forma presencial, mas diante da pandemia do Coronavírus está acontecendo através do Google Meet. Com carga horária de 200 horas anuais, incluindo atividades extraclasse dos professores e professoras.

No dia 26 de maio de 2021, pelo Google Meet, participei da formação da Ações Saberes Indígenas na escola, ofertado pela Universidade Federal do Espírito Santo

em parceria com a Secretaria Educação de Aracruz, com o tema Etnomatemática Tupinikim e Guarani: “Uma experiência a partir do samburá Tupinikim e a cestaria Guarani”. Contou com a participação da Liderança indígena Tupinikim Lauro Martins, Liderança indígena Guarani Joana Carvalho, Cacique da aldeia Areal Jonas Rosário, professora e Dra. Ozirlei Teresa Marcelino e a professora e Dra. Claudia Alessandra Lorenzoni. Os mediadores foram Mauro Carvalho, Alzenira Marques e Marli da Penha.

A formação iniciou com a apresentação de Lauro, narrando a importância do samburá para o nosso povo utilizado na pesca, na cata do caranguejo e outros mariscos. O tamanho corresponde de acordo com sua utilidade é feito com o cipó que fica nas árvores que são encontrados nas matas, mas essa matéria prima está cada vez mais escassa diante dos desmatamentos ocorridos na aldeia, ao serem encontrados o artesão muitas vezes, ficam com dó de cortar para matar a planta. Para pintar o samburá ele usa a folha da aroeira.

Joana conta sobre a cestaria Guarani, que antigamente eles faziam as cestas para colheita de sementes, frutos e carregar as crianças pequenas o tamanho varia de acordo com a sua utilidade e o material para confeccionar ele utilizam a taquara. A cesta só as mulheres faziam era considerado um símbolo feminino e os homens faziam os arcos, flechas e outros artesanatos. De acordo com ela, ‘deus’ orientava a formação da família a partir desses artesanatos. Nos dias atuais geralmente os artesanatos são feitos por todas as pessoas da aldeia não tem distinção de sexo para fabricação. São utilizados para comercialização e o uso próprio da comunidade de diversas formas.

O cacique da aldeia do Areal, também é da etnia Tupinikim, conta que se o samburá fosse um meio de sustentabilidade atualmente seria muito difícil, pois o desmatamento está diminuindo as matas e ficando difícil o acesso a matéria prima para confeccionar o artesanato. Jonas destaca a importância dos professores e professoras na educação indígena escolar das crianças, como meio de fortalecimento identitário dando continuidade aos saberes dos anciões da comunidade.

Ozirlei, narra sobre a relação dos saberes tradicionais Tupinikim com a matemática na sala de aula, a partir do samburá. A possibilidade da criança compreender

grandezas e medidas não padronizadas, por exemplo, partindo do seu cotidiano é maior e melhor a compreensão do que utilizar materiais que não são da vivência do estudante, ou seja, uma matemática problematizada trazendo os conhecimentos tradicionais para a sala de aula, fazendo de fato acontecer a etnomatemática.

A questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a de classe dos educandos cujo respeito é absolutamente na prática educativa progressista, é um problema que não pode ser desprezado. (FREIRE, 1996, p.19).

Cláudia, destaca a importância da matemática como contribuição nos saberes tradicionais e a cestaria Guarani como ponto de partida para pensar a questão do conhecimento matemático no contexto de currículo e do projeto político pedagógico.

### Seminário Tupiabá

Figura 18: Seminário para professores e professoras.



Foto: Marli Gomes. Fonte: Arquivo Projeto Tupiabá.

No dia 22 de abril do ano de 2021 aconteceu o seminário Tupiabá que foi transmitido ao vivo pela TV UNEB-Seabra. Neste dia, o primeiro bloco foi apresentado textos em formatos de cartas dos estudantes: Miguel Felipe da aldeia de Pau Brasil-ES, Clivinius da aldeia de Comboios-ES, Thailany da aldeia de Irajá-ES e Maria Vitória da aldeia de Itamaraju-BA. Cada criança leu sua cartinha foi um momento ímpar de aprendizagem, onde as crianças ficaram realizadas por verem que suas cartas foram ouvidas por outras pessoas e outros povos, mesmo vivendo um período difícil da pandemia do Coronavírus. As famílias se empenharam em realizar junto à criança a carta, na pandemia a proximidade foi maior entre a família. Com as cartas foi confeccionado um livro, foi uma alegria para as crianças das aldeias.

No segundo momento foi uma roda de conversa com as Vozes da aldeia, de professores e professoras que intermediaram o projeto em suas aldeias junto com a professora fundadora do projeto, Marina Miranda que relata o tempo de sua infância da mudança ao morar na cidade com o irmão, do preconceito que sofreu nessa época. Diante disso, teve um grande interesse em estudar a Cultura Popular durante o curso do mestrado. Nas suas visitas na Bahia, onde ia todos os anos junto ao marido e filhos, se identificou com a vivência das crianças negras e indígenas.

Ela destaca o preconceito, exclusão e direitos da criança na qual se refere que ainda não tem nada de concretizado, pois a escola permite que os preconceitos aconteçam sem interferência. Marina, se refere a criança como um sujeito central com direitos e que mesmo com a pandemia não pode parar, por isso buscou ajuda com outros professores e professoras parcerias para realização do Projeto Tupiabá dando liberdade de escrita para as crianças através de suas cartas.

Janaina Rosa, é uma educadora indígena Tupinikim da aldeia de Pau Brasil, participou do projeto junto com seus estudantes e buscou apoio da família para escreverem as cartas. Luzia Florêncio, educadora Tupinikim, da aldeia de Comboios, fala da sua experiência na realização da escrita da carta nesse tempo de pandemia foi desafiador, pois as crianças moram distantes uma das outras e ficou difícil o contato e apenas duas crianças entregaram o texto. Marli da Penha, educadora Tupinikim da aldeia de Irajá, destaca que a pandemia limitou o trabalho, mas não impediu e ela organizou tudo pelo grupo de responsáveis pelos estudantes no whatsapp e o objetivo central

era que as crianças produzissem mesmo fora da sala de aula. Ela também fala que a participação do cacique foi fundamental para realização de outras obras da mesma e a Educação Escolar indígena acontece de fato com elementos da própria cultura Tupinikim. Gilmar Loyola, educador Tupinikim da aldeia de Irajá, destaca a importância da carta, porque nos dias atuais são poucas usadas e a tecnologia facilitou a comunicação entre as pessoas e o projeto resgatou um meio de comunicação que quase não se vê, a participação das crianças foi fundamental e muito gratificante ver o empenho e entusiasmo deles.

Maiara Sena, da aldeia Itamaraju é estudante da Universidade Federal do Sul da Bahia, aplicou o projeto durante o período que lecionou como auxiliar de alfabetização, a turma gostava muito de desenhar, três escreveram e cinco desenharam. As famílias que auxiliaram, pois com a pandemia não foi possível estar junto com os professores e as professoras, muitos deles não tiveram a oportunidade de estudar, mas contribuíram com suas vivências cotidianas e as crianças transcreveram. Os professores e as professoras destacam que, a educação escolar no período de pandemia não acontece como deveria e com auxílio do projeto as crianças podem ser ouvidas por várias pessoas.

### 3. CARTA PEDAGÓGICA DA PROFESSORA CRISTINA

Caieiras Velha, 11 de junho de 2022, uma tardezinha de sábado fria.

Prezada colega e professora indígena Moniani!

Agradeço carinhosamente seu convite e espero contribuir com seu trabalho de Conclusão de Curso e aos demais leitores que futuramente terão acesso a este material.

Sou mulher indígena da etnia Tupinikim, mãe, esposa, professora, estudante, casada e tenho 4 filhos, me chamo Cristina Oliveira Santos Lemos, moro na aldeia Indígena Caieiras Velha, localizada no município de Aracruz-Espírito Santo. Atualmente leciono na Educação Infantil no Centro Municipal de Educação Infantil Indígena Caieiras Velha, que recebe crianças entre 4 meses a 5 anos de idade matriculadas nos grupos I ao V.

Através dessa escrita, compartilho com todos e todas um pouquinho do trabalho pedagógico que vem sendo desenvolvido na Educação Infantil Indígena especificamente no grupo V. Destaco que, para o planejamento e realização das propostas de atividades diárias, rotinas, sequências didáticas e projetos didáticos, existem documentos norteadores que nos ajudam na organização, elaboração e desenvolvimento do trabalho pedagógico através das Problemáticas Indígena( Currículo Específico) e o Currículo Municipal. As propostas de trabalho na Educação Infantil exigem criatividade, dinamismo dos professores e professoras para oportunizar propostas que estimulem o desenvolvimento das competências e habilidades, garantindo a ludicidade respeitando a infância da criança indígena.

Falar sobre artesanato, artefatos indígenas nos traz como cerne do diálogo, da comunicação o *território*, pois através do território, os povos indígenas desenvolvem a sua forma própria de vida, constroem relações entre diferentes espaços e tempos sociais, culturais, geográficos e que apesar das grandes modificações ocorridas ao longo do tempo, continuam lutando e resistindo contra variadas formas de destituição.

A exploração, manuseio dos artesanatos e ou artefatos culturais, os trajes e outros elementos resultado de produções da arte indígena possibilita vivenciar nos cotidianos escolares a expressividade corporal, o desenvolvimento da linguagem artística própria, através do processo de territorialização nos espaços educativos. Os instrumentos musicais de percussão indígena unem ritmos e sons aos cantos tradicionais e que passam a ser objetos do conhecimento no campo da experiência e vivência das crianças indígenas contribuindo para a afirmação étnica-identitária fortalecendo a cultura e tradição do povo indígena Tupinikim. Constituindo-se no fazer pedagógico como uma ferramenta que potencializa e expressa as marcas identitárias, o pertencimento do sujeito ao seu lugar de origem, preservando e fortalecendo a história e memória coletiva do povo indígena.

As experiências desenvolvidas na educação Infantil, segundo o documento Educação Infantil e Ensino Fundamental I: Uma reflexão sobre a transição entre as etapas em tempos de pandemia (2020. p. 11 e 12):

Outra palavra que norteia as ações nos CMEI's, é EXPERIÊNCIA, uma vez que as crianças são muito ativas e curiosas, necessitando ter todos os seus sentidos acionados. Desse modo, acreditamos que para haver aprendizagem, elas precisam explorar, tocar, cheirar, manipular, gesticular, falar, ouvir, ver, sentir, ou seja, necessitam EXPERENCIAR. Por isso, o currículo é organizado por CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS, uma organização curricular que favorece a busca por práticas pedagógicas que possibilitam a imersão dos pequenos em situações nas quais possam construir noções, habilidades, atitudes e valores de tal modo que, à medida que se apropriam de novos saberes, vão construindo sua identidade. Essa forma de organização do currículo, atende ao "jeitinho de ser criança", pois reconhece a importância da atividade criadora e do protagonismo infantil. O currículo por Campos de Experiências, busca garantir os Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento, que são: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se.

Considerada como uma atividade permanente e diária, as **Rodas de Conversa** possuem finalidades de diversas naturezas e objetivos de acordo com a proposta do professor ou professora. Momento importantíssimo onde as crianças expressam opiniões, desenvolvem a oralidade, constroem e compartilham conhecimentos, expõem suas vivências e experiências.

### 3.1. RODA DE CONVERSA

Utilizando elementos pertencentes à cultura indígena (instrumentos musicais de percussão, trajes, grafismos entre outros) buscou-se reconhecer e valorizar as manifestações culturais e o fortalecimento da identidade étnica. O momento oportunizou o reconhecimento, a exploração dos instrumentos em torno da identificação, sonoridade/altura, ritmos, semelhanças/diferenças, matéria prima utilizada. A importância desses elementos culturais representa a força, espiritualidade e resistência dos povos indígenas Tupinikim e Guarani.

### 3.2. DESENHO

Através da observação, manuseio dos instrumentos de percussão, a realização do desenho representa a forma de expressão cultural, permitindo compreender o mundo à sua volta, contribuindo para a interação social e a sensibilização quanto à construção do pertencimento étnico identitário. Os desenhos realizados pelas crianças indígenas revelam detalhes, delicadeza e leveza em cada contorno.

Figura 19: Atividade na sala.

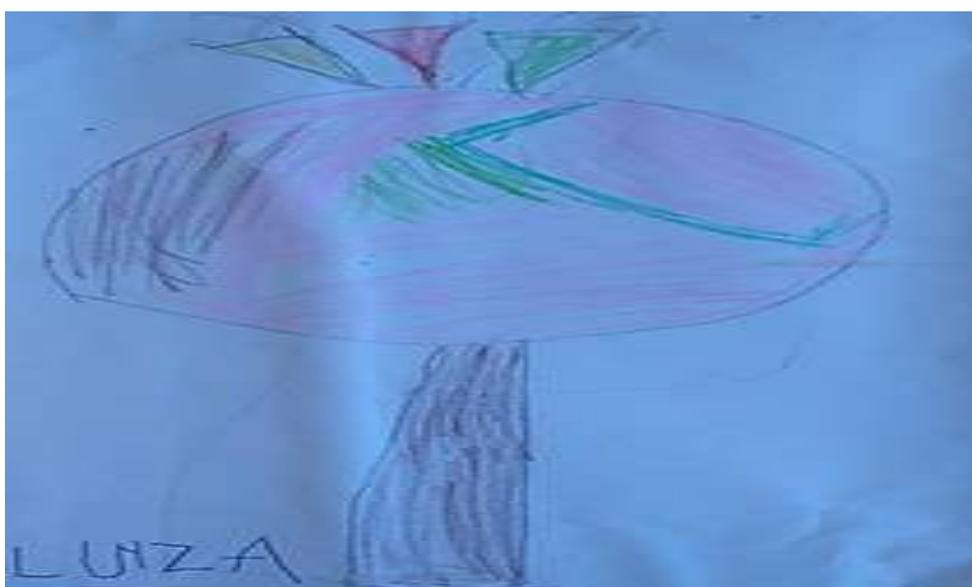


Foto: Cristina Oliveira.

Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 20: Atividade na sala aula.



Foto: Cristina Oliveira.

Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 21: Atividade na sala de aula.



Foto: Cristina Oliveira.

Fonte: Arquivo pessoal.

Explorar outros ambientes de aprendizagem é fundamental para novas descobertas e construção de conhecimentos. O posicionamento, a vivência e o manuseio através dos artesanatos marcam características que vão se configurando na construção da identidade, afirmação étnica identitária e o fortalecimento cultural.

Figura 22: Roda de congo.



Foto: Cristina Oliveira. Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 23: Roda de congo.



Foto: Cristina Oliveira. Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 24: Roda de congo.



Foto: Cristina Oliveira. Fonte: Arquivo pessoal.

### 3.3. BRINCADEIRA

A brincadeira Corrida com a Casaca, paralelo à dança indígena, trouxe como enfoque os integrantes de uma banda de congo e suas funções (capitão, tamboeiros, caseiros, guerreiros ou guerreiras, os curumins). Antecedendo a brincadeira é importante que oportunize a experiência de realizar a dança e alguns cantos indígenas. A brincadeira consiste em organizar os grupos, cada grupo representa uma banda e o capitão fica à frente de seu grupo. Os curumins precisam correr e dar a volta em torno do capitão de sua banda, passando para o próximo a casaca. O último curumim tem a função de levar o capitão para junto de sua banda e juntos cantar um canto indígena.

Figura 25: Brincadeira no pátio, corrida de casaca.



Foto: Cristina Oliveira. Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 26: Brincadeira no pátio, corrida de casaca.



Foto: Cristina Oliveira. Fonte: Arquivo pessoal.

### 3.4. MAQUETE

A maquete contribuiu no processo da criatividade, percepção, delicadeza, estímulo à motricidade fina, no manuseio para a produção expressando a relação com a vivência social e cultural cotidiana. Articulado à dinâmica, foi realizada a exploração da música TupiniKim (Chamado do Capitão) e estudos referentes à leitura e escrita.

- Materiais utilizados (massinha de modelar, palitos de fósforo, canetinha e penas).

Figura 27: Maquete da música de congo, a chamada do capitão.



Foto: Cristina Oliveira. Fonte: Arquivo pessoal.

### 3.5. PRODUÇÃO DE COLAR

Figura 28: Confeccção do cola.



Foto: Cristina Oliveira. Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 29: Confeccção do colar.



Foto: Cristina Oliveira. Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 30: Confeção do colar.



Foto: Cristina Oliveira. Fonte: Arquivo pessoal.

O colar é um elemento cultural que reafirma a identidade étnica. Através da produção foram explorados conceitos como Maior/Menor, Comprido/ Curto, sequências por cores, a motricidade fina, além de desenvolver a atenção, percepção e a criação.

- Materiais utilizados (sementes, talos de embaúba, linha encerada).

Finalizo minhas contribuições, considerando que essas ações foram realizadas em tempos espaços diferentes, as atividades elaboradas e desenvolvidas foram estruturadas de modo a garantir a ludicidade, reafirmação e fortalecimento étnico identitário valorizando as experiências sociais e coletivas das crianças.

Forte abraço, na esperança de dias melhores!

Com gratidão despeço-me.

### 3.6. REFERÊNCIA

Coletânea- Educação Infantil e Ensino Fundamental I: Uma reflexão sobre a transição entre as etapas em tempos de Pandemia, Secretaria Municipal de Educação, Aracruz/ES, 2020

#### 4. RODA DE CONVERSAS COM PROFESSORAS INDÍGENAS E ARTESÃO<sup>3</sup>

Boa noite primeiramente gostaria de agradecer né os participantes A meu tio Amarildo conhecido como Duga, a professora Osvaldina a Dina, a Cristina minhas amigas do CMEII, a professora Andreia orientadora, o Professor Soler é... vou fazer uma introdução do meu trabalho, o meu trabalho: é a importância do artesanato nas práticas pedagógica do CMEII, Centro Municipal de Educação Infantil indígena. Então a minha proposta de trabalho é de tá apresentando sobre o artesanato como material de apoio no processo de ensino-aprendizagem do CME II, “Tanga, colar, lança, cocar e samburá: práticas pedagógicas a partir dos artesanatos Tupinikim nos cotidianos escolares do Centro Municipal de Educação Infantil Indígena Caeira Velha”. Esse é o Tema eu falei antes foi uma apresentação mesmo, então a Dina e a Cristina vão...eu convidei elas pra tá apresentando um pouco, falando um pouco sobre as práticas pedagógicas delas com o artesanato e o artesão que é o Amarildo ele vai estar falando um pouco também sobre o artesanato como que ele aprendeu como que ele faz, ele vai tá falando um pouco sobre o contato dele com o artesanato

Primeiro a gente vai passar pra Dina né? Dina vai falar um pouco sobre a prática pedagógica dela com os artesanatos. Como que ela utiliza o artesanato, como material de apoio na educação escolar indígena? E qual é a importância do artesanato como material de apoio?

Então vou passar a palavra para Dina.

DINA: Olá boa noite, é... Para mim né, enquanto colega de Moniani. Sim, é um prazer. Quando Moniani me convidou na verdade eu nem sabia que era pra falar sobre a s práticas né, mas vamos lá né... é o artesanato assim como outras práticas tradicionais que a gente realiza no CMEII, pra mim enquanto professora é... tem uma grande importância porque a criança na educação infantil aos poucos ela vai formando sua identidade ela percebe que ela é diferente um do outro, nesse espaço ela procura integrar também com o outro, a partir desse momento que a gente oferece, esses

---

<sup>3</sup> Para acessar o Podcast consultar. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/u/0/folders/19KK7S88e38JhMWSvXdRF-FL083bZkETN> Acesso em: 27 de setembro de 2022.

momentos com a criança igual a Moniani tá falando dos com relação aos artesanatos né... aí a gente pode falar que é a nossa arte indígena, esses momentos se tornam muito importantes porque é uma forma também de trabalhar a questão da nossa identidade, a preservação da nossa cultura. Né ..porque o artesanato também acaba trazendo esse papel pra nós enquanto professor, é uma ferramenta que também nos dá a oportunidade de trabalhar com as crianças a nossa cultura trazendo aquilo que os nossos mais velhos, nossos anciãos sabem fazer, mesmo que a gente não sabe fazer a gente recorre a alguns deles para tá orientando a gente e também orientando as crianças então isso vai fazendo com que a gente vai faça uma interação, essa interação é muito importante, eu costumo dizer, essa interação na educação infantil, a gente acaba integrando relações sociais com o saber fazer dos nossos mais velhos e a gente vai fazendo essa ligação dos nossos antepassados sabiam, do que os nossos mais velhos sabem fazer.

Fazendo essa ligação enquanto estamos no presente vivenciando para que no futuro a gente tenha aí também nossos grandes artesões porque sabe né que esse papel cabe a nós enquanto educadores tá fazendo esse papel. E eu enquanto educadora lá do CMEI, eu procuro trabalhar de forma lúdica essa questão do artesanato. Ou a gente parte através de uma música, igual tem várias músicas tradicionais que falam dos nossos artesanatos, e a gente pode também às vezes, partir de uma história. Mas, geralmente é através de uma música eu costumo partir através de música, a gente canta e dança, faz uma roda de conversa com relação a essas arte indígena do nosso povo e aí vamos e começamos adentrar em relação a esses artesanatos. Quando é pra fazer confecção de colar, a gente... agora tem assim... depois dessa pandemia... a gente ficou restrito... tem alguns anos que a gente se sente limitado porque tem que tá pedindo aos pais para tá saindo com as crianças para ta fazendo coleta desses materiais, mas eu já acostumei a fazer levar as minhas crianças para fazer a coleta do material para a confecção do colar, para depois levar para a sala para a gente fazer essa confecção.

É uma atividade que as crianças gostam muito de tá participando porque tem esse momento de campo, esse momento fora de sala de aula, esse momento deles está em contato com a natureza, daquilo que ao redor das nossas crianças isso eu vejo que traz sentido, para educação escolar indígena, a criança participar do meio na qual

ela está inserida e para sala de aula a gente leva o material para a confecção e aí as crianças participam e a gente sempre precisa de apoio de alguma APEB pra tá ajudando a gente e quando a gente não tem APEB, a gente busca socorro de alguma APEB disponível para tá ajudando a gente na confecção.

E aí a gente pode e costuma a trabalhar, a questão de quantidade, a gente leva a confecção do artesanato também para o lado do processo de ensino e aprendizagem, eu falo do dia a dia, que a gente faz em sala de aula trabalha quantidade, costumamos a trabalhar sequência, igual quando a gente faz o colar de bambu. igual a última vez que eu fiz acho que foi a confecção do colar de bambu, a gente levou pra sala já os bambus cortado e tem o lugar onde coloca a linha e ali a gente trabalhou a quantidade, colocar dez pedacinhos de bambu, e aí trabalhando com as crianças desenvolvem a coordenação, atenção porque ele tem que ter toda a habilidade para tá colocando o pedacinho de bambu na linha é um momento muito gostoso que eles gostam de participar e quando é de sementes também dá pra gente trabalhar quantidades, sequenciação, cores são assim ....tipos de atividades que a gente desenvolve bastante coisa e a gente acaba assim trabalhando objeto da nossa cultura, posso falar objeto né... a arte da nossa cultura porque pra nós enquanto indígena as crianças quando entram em contato com esses materiais os conhecimentos para ser adquiridos também, eles se tornam mais significativos, por enquanto acho que vou falar isso...

MONIANI: Muito bom! Agora eu vou passar para Cristina. E por fim passo para Tio Duga.

CRISTINA: Boa noite, quero agradecer a Moniani pelo convite que ela me fez, pra estar participando desse momento é um momento importante para todos e todas nós, porque tá fazendo parte desse trabalho nosso que estamos aí tentando finalizar e também o compartilhamento dessas experiências que eu acho muito importante. Bom logo no início, Moniani me convidou pra tá fazendo uma carta pedagógica eu ainda estou em processo pra terminar essa carta mais eu tenho certeza que vai da tempo, eu vou tá entregando... Bom falar sobre artesanato, artefatos indígenas nos traz como um externo de todo um diálogo da comunicação, ele nos aproxima muito da questão do território, porque quando a gente pensa no artesanato da matéria prima a gente se aproxima muito dessa questão dos biomas de onde a gente encontra esses materiais,

a gente encontra? de que modo vai acessar esse espaço, então assim é um assunto que eu percebo que é muito importante mesmo a gente tá fazer um trabalho como Moni tá fazendo o TCC dela, de colocar mesmo de como é esse fazer na comunidade, e como se articula também na questão da educação. Então assim, por ele estar imbricado nesse sentido ele se torna algo muito determinante, porque através desse território que nós desenvolvemos nossa forma própria de vida. Como que a gente constrói essas relações com as matérias primas. Com esses espaços, com esses ambientes.

A gente ouve muito relato de que no passado existia muita matéria prima, hoje já não existe tanto e isso também tem a ver com essa relação que a gente vai tendo com esses espaços, da importância do saber, manusear corretamente, se apropriar corretamente desses espaços. Então essa experiência com a utilização dos artesanatos ou artefatos indígenas, dos instrumentos musicais indígenas, ele nos une entre ritmo, som e os cantos. O que passa a ser objeto do conhecimento e nessa relação com a educação, desenvolvendo várias atividades com as crianças na busca dessa afirmação étnica identitária, fortalecendo a cultura e a tradição do nosso povo indígena Tupinikim. E aí assim...essa arte nessa produção, nesse manuseio dos artesanatos elas vem expressar os potenciais marcadores identitários, porque cada artesanato, ele tem sua marca. Esse ano nós fizemos uma pesquisa, com o senhor Amarildo que inclusive depois ele vai tá fazendo parte também.

Então na pesquisa a gente tentou conversar com ele um pouco sobre trajes indígenas. A tanga, ele tem a sua marca, de que forma que ela surgiu, ela é um marcador identitário, ela tem a sua história, de como surgiu, através de qual material ela surgiu. O colar também tem, então todos os instrumentos são marcadores, é porque eles tem uma história também por trás de cada um, em que tempo porque, quando se houve mudanças vão fazendo parte desse movimento de relação conosco de garantir um dos pertencimentos originário de um povo é preciso que isso seja muito preservado essa preservação da memória. A preservação do cuidado ao passar esse conhecimento para os menores, para as crianças e adolescentes é muito importante, e aí assim.... Na educação esses instrumentos, eles fazem parte de momentos lúdicos como nossa colega Dina falou, essa ludicidade precisar estar presente na educação infantil e é através desses materiais, eles vão se tornando uma ferramenta que nos

oportuniza interligar com as músicas, com as próprias narrativas vivenciadas pelas crianças através das suas famílias.

O fazer lúdico pedagógico a partir desse instrumentos, eu percebo assim que ele favorece um envolvimento maior das crianças nesses momentos de atividades quando estamos desenvolvendo as temáticas em sala de aula, eles conseguem também fazer uma abstração de conseguir fazer uma relação com aquilo com o movimento que de repente aconteceu, com algo que aconteceu na comunidade. Quando a gente leva esses artesanatos para sala, eles conseguem rememorar determinando fato que ocorreu. Então, por exemplo, eu lembro de quando eu levei o maracá a gente fazer atividade em sala de aula primeiro a gente fez as cantigas tradicionais, eles manusearam os instrumentos vários que eu pude ter acesso e oportunizar para eles. Quando chegou a vez do maracá, alguns conseguiram rememorar um movimento que havia acontecido dentro da comunidade onde teve a paralisação da estrada e aí alguns falaram assim: a tia meu primo, meu irmão, foi participar do movimento tal que aconteceu assim e ele levou o maracá e o som do maracá é assim...e ele disse isso.

Então, assim como é importante nós estarmos com os esses instrumentos, em diversos momentos no nosso dia a dia em sala de aula com as crianças. E como em outros anos também, nós já trabalhamos com a produção da tinta do jenipapo, para garantir a pintura corporal nas crianças foi uma experiência bem interessante também a maioria deles conseguiram identificar a fruta, para que ela servia o processo da tinta foi feito junto com eles e depois nós fizemos as pinturas de acordo com cada pai que foi permitindo também. Em outros momentos nós já fizemos também a produção do colar com sementes, como Dina havia falado em outro momento, nesses momentos é possível trabalhar quantidades, cores, sequenciação e variar mesmo o tipo de trabalho em da sala de aula. Essa é uma oportunidade brilhante pra gente que é indígena, porque ao mesmo tempo que é desafiador porque a gente sabe que nada é pronto pra nós, a cada ano é uma experiência nova, cada ano é a gente vai tentando melhorar a nossa prática, tentando aperfeiçoar aquilo que de repente a gente fez e não deu certo é uma construção diária, é uma construção do dia a dia, eu acho assim é fundamental essa questão dos artesanatos para gente estar desenvolvendo as atividades em sala de aula e eu acho que é isso né...

MONIANI: Cada conversa que a gente tem é sempre uma bagagem de conhecimento que deixa a gente muito satisfeito. Agora, meu tio vai falar um pouco sobre o artesanato, qual é a importância do artesanato para ele, como ele aprendeu? essas coisas é com ele tão bom?

AMARILDO: Bom boa noite, pessoas, professores e professores que estão nesse estudo ai. Meu nome é Amarildo, mas eu não tenho nome indígena, mas aqui os meninos começaram a me chamar de Tíduga, não é tio Duga não é Tíduga, na época de dança os meninos me chamam assim. Então sobre o artesanato a atividade do artesanato eu tive as ideias, ninguém me ensinou eu tive ideia minha mesmo. A primeira coisa que começamos a fazer aqui na aldeia foi a criação das tangas eu e minha esposa quando começamos a fazer um trabalho de terceiro encontro, vamos dizer assim terceiro encontro indígena que teve em Barra do Riacho em 86. Ali nós começamos com o trabalho artesanal, eu e minha esposa Rosália, começamos a fabricação da tanga, a fabricação do colar. Naquela época não tinha ainda os cocar que a gente usa hoje, também não tinha os bustiê e as meninas iam de sutianzinho de praia ai eu tive outra ideia de formar o cocar...ô bustiê aí eu tive a ideia comecei a fazer fazia um não dava certo fazia outro não dava certo.

Até que numa conclusão acertei um, fizemos esse trabalho também a criação do bustiê, que a gente chama de bustiê. Aí depois veio o cocar, o cocar também é o mesmo sistema comecei fazer um, depois comecei a fazer outro primeiro eu fazia pra mim, se desse certo a pessoa achar bonito aí pedia e isso foi tudo criação minha esse trabalho de artesanato que a gente usa hoje, a tanga, o bustiê, os cocar, os colar de sementes a gente usava muito tipo de semente aqui alguns a gente chama por nome não científico assim mas que a gente deu o nome: girica que é uma sementinha preta, olho de boneca que é uma sementinha preta e vermelha, a gente chama de olho de macaco também que é preta e vermelha também só que é maior, tem a semente de pau brasil, tem a semente conto de lágrimas que a gente chama de milagre, tem uma outra que a gente chama de bananeirinha e uma sementinha marronzinha, tem outra também que a gente chama de melancia que ela dá na árvore enfim, tem esses tipos de matérias primas que a gente usa. Então eu comecei a fazer esses artesanatos no ano de 86, depois que tive esse encontro na Barra do Riacho de lá pra cá fui criando

as ideias. E hoje, como artesão eu comecei a ter as ideias e comecei formar em artesanato e comecei a formar outros tipos de artesanatos, hoje eu faço trabalho em madeira, faço machadinha, faço facão, faço tamborzinho de coco, faço bandeja. O artesanato mesmo também pode usar, faço trabalho de coco, trabalho de palha, trabalho de madeira, de tanga, cocar, bustiê falou que é tipo de artesanato eu faço.

Mas, acontece que o artesanato é um tipo de trabalho assim, não é você fazer você tem que ter criatividade, você tem que imaginar, pensar e fazer a arte. Igual eu fiz algumas peças que tá aqui óh vou até mostrar a você aqui, essas peças aqui. Esse aqui são peças de madeiras uma machadinha com facão no toco, então esse aqui é criatividade também, eu fiz pra enfeito essa peça aqui é uma peça também é uma madeira na machadinha eu vi esse pedaço de madeira aqui e achei bonito e fiz essa arte aqui pra enfeito, entendeu é a mesma coisa essa aqui, essa aqui esse pilãozinho aqui é uma madeira era uma madeira igual a esse um pedaço de madeira. Então isso aqui na mão do artesão vira arte e dessa madeira igual a essa aqui eu fiz isso, então são coisas que a gente como artesão cria as artes a criatividade da gente é formar arte, há eu fiz um porta celular também um simples pedaço de madeira a gente olha assim parece que é simples, mas se torna porta celular... esperai, rapidinho. Olha aqui coloca o celular aqui, essa aqui é uma bandeja feita de bambu com madeira por dentro. Isso aqui é sobra de madeira eu fiz um porta celular também tudo é criatividade do artesão que tem a ideia de formar arte.

Então o artesão, o artesanato é tudo criado ideia que o artesão tem, eu comecei a fazer a arte da tanga, colar e cocar de 86 até hoje, aqui em Caeira eu já dei oficina de arte, ensinei as meninas, os meninos, o jovens a fazer o cocar, o bustiê e a fazer a tanga, já ensinei e muitas outras pessoas já ensinei e hoje estou aqui falando do meu trabalho do que aprendi e tô aqui prontamente a ajudar também igual hoje estou aqui com a Moniani pra ajudar nesse trabalho com vocês aí as professoras, entendeu. Então eu quero aqui agradecer de vocês terem esse privilégio de tá me colocando junto desse trabalho de vocês, de tá fazendo parte de trabalho de vocês e o que vocês precisarem dentro da minha possibilidade de tá construindo um trabalho junto com vocês é só me procurar eu estou aqui pra somar e tô aqui pra ajudar e meu muito obrigado. Meu nome é Amarildo e apelido Tíduga e não tio Duga, é Tí. Obrigado.

**MONIANI:** Obrigado tio, eu falo tio porque é irmão da minha mãe, aí falo tio. Mas, vou passar aqui para a professora se quiser tá falando alguma coisa e o professor Soler. Muito bom agradecer meu tio, muito feliz pela participação dele, Dina, Cristina a professor Soler, professora Andreia muito obrigado pelo apoio que você deu uma bagagem muito grande pra tá onde eu cheguei a construção e praticamente finalizando o meu TCC e estou muito feliz com isso e é uma honra tá junto com vocês. Então professora e o professor Soler, se quiserem falar alguma coisa, fiquem à vontade.

**DINA:** Só quero agradecer a professora Andréia, o professor Soler a Moniani pelo convite assim pra mim foi muito importante tá Moniani, participar desse momento contribuir com esse trabalho eu sei que não tá sendo fácil pra ninguém estamos todos nós no mesmo barco, mas nós vamos dá conta porque nós somos a resistência e vamos seguir a luta e muito obrigado, tá bom.

**CRISTINA:** Eu também quero agradecer o convite de Moniani, acho que é a terceira vez ou quarta que eu agradeço por esse momento. É um momento de emaranhado de sentimentos porque nesse corre e corre, a gente fica até meio ao mesmo tempo triste, alegre, fica desanimado, fica ansioso e ansiosa. Porque, querendo ou não temos que dar conta, vamos dar conta sim. Mas, eu espero ter contribuído de forma clara com o que eu disse e qualquer dúvida Moni, você falando comigo e me chamando e pode deixar que eu vou entregar a carta. Obrigado professor, professora, seu Amarildo também que se dispôs em tá contribuindo nesse momento. É isso aí, um ajudando o outro.

Figura 30: Roda de conversa para o podcast.

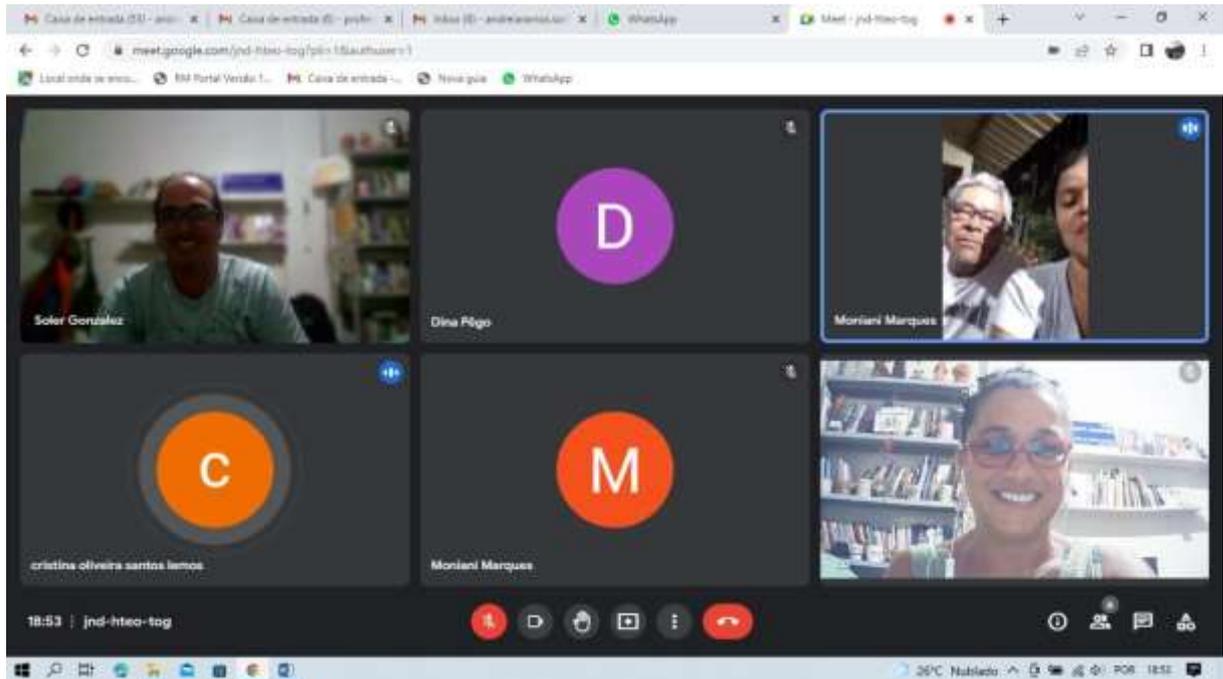


Foto: Professor Soler. Fonte: Arquivo pessoal.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nossa cultura é de suma importância para o nosso povo e tem como objetivo se perpetuar nas futuras gerações, com isso a educação escolar indígena tem um papel fundamental nessa construção.

Com a pesquisa do trabalho de conclusão de curso, foi possível observar que a educação escolar indígena faz parte dos cotidianos dos estudantes, pois as professoras e os professores trabalham de acordo com a cultura e os costumes, uma realidade que faz parte da aldeia. Os artesanatos do Povo Tupinikim estão presentes nas práticas pedagógicas diferenciadas no Centro Municipal de Educação Infantil Indígena Caeira Velha.

As professoras narraram em uma entrevista que foi feita pela plataforma digital, alguns exemplos das suas práticas realizadas nos cotidianos do CMEI, com os artesanatos destacando a importância para a resistência do nosso povo Tupinikim. Sendo assim, um método de fortalecer a cultura na educação infantil, com suas práticas pedagógicas.

Diante disso, é possível uma criança construir seus conhecimentos de leitura e escrita na educação escolar indígena, a partir da cultura do nosso povo Tupinikim. As professoras e professores utilizam metodologias para o fortalecimento da cultura identitária e proporcionam um bom ensino e aprendizagem, a partir do seu cotidiano.

Uma casaca, por exemplo, além de um instrumento musical, na sala de aula se transforma em escrita de textos, palavras, representação de quantidades, desenhos e assim por diante.

Praticamos atividades contextualizadas, que tenham significados para nossos estudantes, para que possam ler e escrever, ao mesmo tempo fortalecendo a identidade como indígenas, pois somos um povo que resiste às lutas e as crianças fazem parte e tem sua contribuição nesses processos.

A pesquisa do trabalho de conclusão de curso, enriqueceu muito os meus conhecimentos e me proporcionou concluir que a Educação Escolar Indígena na minha Aldeia de Caeira Velha, principalmente no Centro Municipal de Educação Infantil Indígena, acontece de fato. É nítido, a contribuição dos professores e das professoras com suas práticas buscando uma educação indígena específica, e diferenciada. Utilizando um currículo específico e diferenciado, mas não deixando o currículo do município de lado e sim adaptando para que as crianças possam ter acesso tanto aos conhecimentos indígenas quanto não indígenas.

Outro aspecto importante, são as participações dos anciãos, caciques, lideranças, artesãos e entre outras pessoas na instituição, são momentos enriquecedores que possibilitam às crianças fazer uma ponte do passado com o presente. Conhecer as realidades dos nossos antepassados.

A educação escolar indígena ainda não conquistou 100% do objetivo que queremos, mas tenho certeza que estamos no caminho certo. Com uma educação escolar indígena que proporciona conteúdos curriculares na qual parte dos princípios culturais Tupinikim, possibilitando uma leitura e escrita prazerosa. Onde um estudante indígena tenha uma bagagem de conhecimentos e que possa se identificar e se afirmar como indígena Tupinikim em qualquer lugar e situação vivenciado.

## 520 ANOS DE RESISTÊNCIA

*Hoje o sol veio até a raiar  
 Mas tá estranho, não tem o mesmo brilho que o mar  
 No Piraqueaçu mariscos já não posso mariscar  
 Primeiro a poluição no rio, agora do ar  
 Tudo isso contribui para nos dizimar. E como tem sangue derramado para provar  
 Mas no nascimento das nossas crianças há esperança  
 Nelas a cultura continua. Mas hoje “fica em casa”  
 O vermelho do urucum  
 E o preto do jenipapo,  
 Não deixaram as suas marcas*

O repique da casaca  
E o barulho do tambor, calaram-se.  
Agora não faz meu corpo estremecer  
Dançar, pular, cantar e até chorar  
O dia mais esperado amanheceu em silêncio  
Dona Helena não fez o seu canto entoar  
Nem levou sua arte onde quer que o vento vá  
Seu Olindo com seu apito, hoje não pode apitar  
Muito menos comandar a sua banda de congo que sempre aprendeu a amar  
Professor Mizim, não pode dançar com os curumim  
Aqui em casa as crianças não queriam acreditar  
Os arqueiros com seus cantos em tupi  
Se quer puderam lançar suas flechas e romper o alvo  
A beleza das guerreiras com suas danças e adornos  
Não trouxeram seus gritos de luta para resistir  
E nós comunidade estamos em casa com saudades de ouvir  
A casaca  
O tambor  
E os gritos de resistência no qual somos acostumados a entoar.

Autor: Gefferson Pereira Marques

## 6. REFERÊNCIAS

BENEDITO, Moniani Pereira Marques e RODRIGUES, Cecília dos Santos. **Educação Escolar Indígena no município de Aracruz: uma visão histórica e atual da escola indígena na construção da auto reafirmação da identidade cultural.** (Monografia de graduação de Licenciatura em Pedagogia). Universidade Paulista (Unip Interativa). Aracruz, 2014.

BENEDITO, Moniani Pereira Marques. **Práticas diferenciadas utilizadas pelo professor para alfabetizar nas séries iniciais.** Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-Graduação lato Sensu. Centro de Ensino Superior FABRA (Faculdade Brasileira), Aracruz: 2015.

BENEDITO, Moniani Pereira Marques. **A arte da confecção do artesanato tupinikim na escola indígena.** Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-Graduação lato Sensu. Centro de Ensino Superior FABRA (Faculdade Brasileira), Aracruz: 2015.

**Certidão das Terras Indígenas Caieira Velha, Pau Brasil e Irajá.** O Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, Secretaria do Patrimônio da União. Superintendência do Patrimônio da União do Estado no Espírito Santo. Terra Indígena Tupiniquim. Aldeia de Caieiras Velha. Aracruz. Espírito Santo. 2010.

BRASIL. **Documento dos saberes indígenas.** Diário oficial da União-Seção n 238. 2013. Portaria 98. 6 de dezembro de 2013. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 58. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **Caminhos para a cultura do bem viver**. Rio de Janeiro: Conexão, 2020b.

GONZALEZ, Soler, RAMOS, Andreia Teixeira. Educação ambiental nas redes educativas do grupo de pesquisa Territórios de Aprendizagens Autopoiéticas. **REMEA - Revista Eletrônica Do Mestrado Em Educação Ambiental**, v. 38, n. 3, p. 73-97, 2021.

RAMOS, Andreia Teixeira. **Mulheres no congo do Espírito Santo**: práticas de re-existência ecologista com os cotidianos escolares. 2018. 319 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Uniso, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo.

RAMOS, Andreia Teixeira. **Geografia dos afetos** - cartas, cartões postais, diário de campo e caderno de uma pesquisadora. Vitória: Pedregulho, 2021. 196 p. Disponível em: <https://www.editorapedregulho.com.br/downloads>. Acesso em: 6 jul. 2021.

SOUSA, Maria Goreti da Silva Sousa; CABRAL, Carmen Lúcia de Oliveira. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. **Horizontes**, v. 33, n. 2, p. 149-158, jul./dez. 2015.

SOUZA, Raquel. Castilho. MARTINS, Adriana dos Reis. ANDRADE, Karylleila. Santos. O Ensino das Artes na Escola Indígena Wakōmēkwa: diálogo entre os agentes sociais e a cultura tradicional. **RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, [S. l.], v. 5, n. 5, 2019. DOI: 10.23899/relacult.v5i5.1481. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1481>. Acesso em: 26 maio. 2021.

**FONTES ORAIS:**

LEMOS, Cristina Oliveira Santos. **Entrevista oral realizada por meio de envio de Carta Pedagógica.** [jun. 2022]. [Entrevista cedida a] Moniani Pereira Marques Benedito Pereira. Aracruz/ES, 2022.

LEMOS, Cristina Oliveira Santos. **Entrevista oral realizada por meio do Meet.** [jun. 2022]. [Entrevista cedida a] Moniani Pereira Marques Benedito Pereira. Aracruz/ES, 2022.

PEGO, Osvaldina. **Entrevista oral realizada por meio de envio do Meet.** [jun. 2022]. [Entrevista cedida a] Moniani Pereira Marques Benedito Pereira. Aracruz/ES, 2022.